

Idéias

EM REVISTA

Revista mensal do Sindicato dos Servidores
das Justiças Federais no Estado do Rio de Janeiro
ANO II, número 9 – Fevereiro / 2007

Fórum Social Mundial de Nairóbi

- Conselho de Justiça regulamenta lei do PCS
- Balanço da atuação do SISEJUF em 2006 e as metas de 2007
- Entrevista exclusiva com compositor Moacyr Luz

Curso de Espanhol

E TÓPICOS DE CULTURA
LATINO-AMERICANA

A partir do dia 17 de abril de 2007

Terças e quintas-feiras: 9h30min às 11h no SISEJUFE

Av. Presidente Vargas, 509 - 11º andar

Curso gratuito para sindicalizados (taxa de material: R\$10 por mês)

Dependentes de sindicalizados (taxa de material: R\$30 por mês)

Não sindicalizados (taxa de material: R\$70 por mês)

Inscrições no mail: contato@sisejuferj.org.br ou pelo tel: 2215-2443





Repercussão

Gostaria de parabenizar a todos os que trabalham para que "Idéias em Revista" chegue às nossas mãos. A cada novo número, fico mais satisfeita com a seriedade e o respeito conferidos a temas que não vemos na mídia convencional. Jornais e revistas, há muitos por aí. Entretanto, a maioria apenas alimenta os factóides do momento e trocam assinaturas por i-pods, DVDs, faqueiros, etc. Por isso é tão bom receber uma revista onde podemos ler pessoas corajosas que abordam com propriedades temas tão necessitados de discussão verdadeira, corajosa e profunda.

Verlene Tavares - oficial de Justiça e servidora da Justiça Federal em Niterói

Onde está a democracia?

Vários jornais participaram ativamente do golpe de 1964, mas só O Globo apoiou a ditadura brasileira durante todo o tempo em que ela durou. Agora este veículo quer dar lições de democracia e acusa o presidente da Venezuela de autoritarismo? Atualmente o jornal é a favor da democracia, ou apenas mais uma vez defende com unhas e dentes os interesses dos endinheirados? Já percebi que lá só publica cartas que não tocam nos "podres" das organizações. Não é por falta de espaço... mas talvez apenas por completa ausência do verdadeiro espírito democrático na condução do periódico.

João Amado - professor



Filiado à FENAJUFE e à CUT

SEDE PROVISÓRIA: Senador Dantas 117 - Sala 1541 - Centro - Rio de Janeiro-RJ CEP 20031-911

TEL./FAX: (21) 2215-2443

PORTAL: <http://sisejuferj.org.br>

ENDEREÇO: imprensa@sisejuferj.org.br

DIRETORIA: André Gustavo Souza Silva da Silva, David Batista Cordeiro da Silva, Dulavim de Oliveira Lima Júnior, Flávio Braga Prieto da Silva, João Ronaldo Mac-Cormick da Costa, Leonor da Silva Mendonça, Lucilene Lima Araújo de Jesus, Márcio de Souza Marques, Márcio Hungerbühler, Nilton Alves Pinheiro, Otton Cid da Conceição, Renato Gonçalves da Silva, Ricardo de Azevedo Soares, Roberto Ponciano Gomes de Souza Júnior e Valter Nogueira Alves.

IDÉIAS EM REVISTA

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Mário Augusto Jakobskind (RJ 13.389/JP)

REDAÇÃO e REVISÃO:

Max Leone (Mtb 18.091)

ASSESSORIA POLÍTICA:

Márcia Bauer

PROJETO GRÁFICO e DIAGRAMAÇÃO:

Claudio Camillo (Mtb 20.478)

ILUSTRAÇÃO:

Latuff

IMPRESSÃO:

PALAVRAS PINTADAS Editora e Gráfica Ltda. (6.500 exemplares)

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva dos autores.



Conselho da Justiça regulamenta lei do PCS	2	Reforma agrária	14
Proposta do STF facilita remoção dos Servidores do Judiciário	3	Coca-cola: isso faz mal	15
SISEJUFE-RJ faz balanço de 2006	4	Fórum Social Mundial em Nairóbe	16 a 21
Ministros votam contra os Quintos	4 a 6	Entrevista com Moacyr Luz	22 a 24
Nós Imortais – O mundo é de Hades	7	A guerra da água	25
Toda palavra guarda uma cilada	10	Plebiscito e referendo	26
Do paraíso ao inferno	8	UNE de volta pra casa	27
BBB7, alienação, indivíduo e individualismo	9	Ex-diretores do BNDES processados	28
O pacto com a morte	10	Lula II: certezas e interrogações	29
Contos da guerra do Iraque	11	Vamos exorcizar el Diablo Bush!	30
Cinema e carnaval	12	Fidel Castro está de pé! E completo!	31
		Um convidado muito trapalhão	32

Conselho da Justiça regulamenta lei do PCS

O Conselho da Justiça Federal (CJF) aprovou dia 15 de fevereiro, em sessão ordinária, a regulamentação parcial da lei 11.416/2006, do Plano de Cargos e Salários (PCS). Nos próximos dias, será publicada a portaria conjunta do Supremo Tribunal Federal (STF), do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), dos tribunais superiores, do CJF, do Conselho Superior da Justiça do Trabalho (CSJT) e do Tribunal de Justiça do Distrito Federal (TJ-DF).

A regulamentação prevê que com o adicional de qualificação, um servidor com curso de pós-graduação poderá ter um acréscimo em seu salário básico de 7,5% a 12,5%. No caso de treinamento, o acréscimo será de 1% para cada 120 horas/aula, podendo chegar a 3% em treinamentos de 360 horas/aula. A partir de agora, com o desenvolvimento de carrei-

ra, o servidor em estágio probatório poderá ter progressão, obedecendo ao interstício de um ano. Antes, só era permitido após a conclusão do estágio de dois anos. A portaria regulamentará também a Gratificação de Atividade Externa (GAE) e a Gratificação de Atividade de Segurança (GAS). Os efeitos financeiros serão retroativos, a 1º de junho de 2006.

A Secretaria de Recursos Humanos do CJF deverá realizar, no início de março, um evento para detalhar os itens. Ainda restam quatro tópicos do PCS a serem tratados: Programa Permanente de Capacitação, remoção, reenquadramento e ocupação de função.

Entenda melhor o PCS

O Adicional de Qualificação (AQ) destina-se a servidores em cargo efetivo das carreiras de analista, de técnico e de auxiliar judiciário. Os cedidos só terão direito ao AQ caso a cessão seja para órgãos da administração pública federal. Poderá receber o adicional de 7,5%, por ter concluído curso de especialização; de 10%, o mestrado e, de 12,5%, se concluiu o doutorado. O PCS não permite a concessão cumulativa, no caso de o servidor ter feito mais de um curso de pós-graduação. Porém, permite adicionar o percentual por treinamento ao do curso de pós-graduação. O primeiro é em caráter temporário (válido por quatro anos) e o segundo, permanente.

A Gratificação de Atividade Externa (GAE) é uma vantagem específica e exclusiva de ocupantes do cargo de analista judiciário, área judiciária, oficiais de justiça, no efetivo exercício das funções. O benefício é vedado ao servidor em car-

“A Gratificação de Atividade Externa (GAE) é uma vantagem específica e exclusiva de ocupantes do cargo de analista judiciário, área judiciária, oficiais de justiça, no efetivo exercício das funções”

go em comissão ou função comissionada e as oficiais de justiça, com funções comissionadas. O PCS faculta a opção pela GAE ou pela função comissionada. Já não há impedimento do pagamento conjunto da gratificação com a indenização de transporte. A GAE incidirá sobre a contribuição para efeito de cálculo de proventos de aposentadoria.

A Gratificação de Atividade de Segurança (GAS) é específica de servidores que ocupam cargos de analista e técnico judiciário, relacionados às funções de segurança. A manutenção desta gratificação está vinculada a participação em programa de reciclagem anual. A carga horária mínima por ano foi estabelecida em 30 horas/aula. Enquanto recebe o GAS, o servidor terá essa contribuição computada nos cálculos do salário de aposentadoria.

Para efeito de desenvolvimento na carreira, o PCS dispõe que a progressão funcional é a movimentação de servidor de um padrão para o seguinte dentro de uma mesma classe, observado o interstício de um ano. Enquanto a promoção é a movimentação do servidor do último padrão de uma classe para o primeiro padrão da classe seguinte, desde cumprido o intervalo de um ano em relação à progressão funcional imediatamente anterior ■

Proposta do STF facilita remoção dos servidores do Judiciário

O diretor-geral do Supremo Tribunal Federal (STF), Sérgio Pedreira, convocou a FENAJUFE e o Sindjus-DF para debater a proposta definida na comissão interdisciplinar de regulamentação da remoção e ingresso de servidores no serviço público e para tratar do enquadramento da Lei 11.416/06, do Plano de Cargos e Salários (PCS). Pela proposta, a remoção poderá ocorrer por "interesse da Administração; a pedido do servidor, a critério da Administração, mediante permuta ou, claro, de lotação". Todavia, nunca contra a vontade dos interessados.

Ao convocar a FENAJUFE, Sérgio Pedreira informou ao coordenador-geral da Federação, Roberto Policarpo sobre a reunião do dia 26 de fevereiro com os diretores gerais de todos os tribunais superiores e do TJDF, para discutir a proposta apresentada pela comissão interdisciplinar. A partir dessa reunião, disse, seriam convocadas as entidades para avaliação.

De acordo com a proposta definida pelo comissão, a transferência para outra localidade se dará a pedido, independentemente do interesse da Administração, e será admitida também para acompanhar cônjuge ou companheiro, também servidor público civil ou militar, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, que foi deslocado no interesse do serviço público. Vale assinalar ainda que a remoção será consentida por motivo de saúde do servidor, cônjuge, companheiro ou dependente que viva às suas custas e conste do seu assentamento funcional, condicionada à comprovação por junta médica oficial. E ainda em virtude de processo seletivo promovido na hipótese de o número de vagas oferecidas ser menor que o de servidores interessados.

Pelo artigo 4º proposto pelo STF, "a remoção de ofício" é conside-

rada como "o deslocamento de servidor entre os órgãos no âmbito de cada Justiça especializada constantes do § 1º do Art. 2º em virtude de interesse da Administração, devidamente fundamentado. Ou seja, fica facilitada a transferência dentro do território nacional no âmbito da Justiça do Trabalho (TRT e Varas do Trabalho), Justiça Federal (Varas Federais e TRFs) e Justiça Eleitoral (Zonas Eleitorais e TRES). Assim, vai agilizar e facilitar as permutas.

“O SISEJUFE-RJ entende que a nova regulamentação facilita o trânsito de servidores no território nacional e veda a transferência e permuta como punições”

Pela regulamentação, os funcionários não podem ser mandados de volta para seus estados de origem a sem justificativa da Administração. No que diz respeito à remoção a pedido do servidor, o Artigo 8º dispõe que a remoção dependerá da anuência da Administração e ocorrerá mediante permuta ou claro de lotação.

O SISEJUFE-RJ entende que a nova regulamentação facilita o trânsito de servidores no território nacional e veda a transferência e permuta como punições, assim, é uma regulamentação benéfica para o funcionalismo ■

O SISEJUFE faz balanço de 2006 e traça metas para 2007

O ano de 2006 tem uma marca: A Vitória do PCS. Foram muitas viagens, muitos piquetes, assembléias e passeatas até conquistarmos o Plano de Cargos e Salários.

Apresentamos uma síntese das atividades realizadas em 2006 e pontuamos algumas atividades a serem desenvolvidas neste ano. A vitória do PCS foi a marca de 2006. Queremos agora que a regulamentação, a discussão do Plano de Carreira, o Quadro Único e o pagamento dos passivos atrasados sejam as marcas de 2007.

*Atividades de formação e cultura/2006

O sindicato além de atuar na defesa dos direitos dos trabalhadores do Judiciário Federal, também promoveu atividades culturais e de formação como:

A organização dos Botequins Culturais;
A apresentação com ingresso subsidiado do espetáculo teatral "Parem de Falar Mal da Rotina", com a atriz Elisa Lucinda;

O I Encontro Latino-Americano Raízes da América – Cultura de Resistência;

O I Encontro de Agentes de Segurança;

O Curso Introdução a História da Arte;

Exposições Fotográficas – FSM 2004 por Glória Horta, Angola por Vinicius Souza e Maria Eugênia Sá e América Nativa por Roberto Vamos;

I Torneio de Futsal – Taça João Saldanha

Atividades previstas para 2007

Continuidade do Projeto do Botequim Cultural- bimensal;

Curso História da Arte Brasileira;

Curso de Marxismo;

Curso Espanhol e Cultura Latino-Americana;

Exposições de fotos na sede do sindicato;

Concurso Literário;

Festival da Canção – Canta SISEJUFE;

II Encontro Raízes da América;

Seminário sobre Assédio Moral e Sexual;

Seminário de Gênero;

Seminário sobre Reforma da Previdência;

Núcleo dos Aposentados e Pensionistas

O Núcleo teve uma participação ativa nas mobilizações para a aprovação do PCS, com seus representantes viajando para

Brasília, participando das passeatas e das mobilizações. Além de reunirem-se, sempre na última terça-feira de cada mês, para discutir questões específicas dos inativos.

Para 2007 as atividades previstas são:

Curso de Espanhol;

Cursos de informática (convênios);

Atividade festiva no Dia do Idoso – 27 de agosto;

Almoço dançante;

Boletins específicos;

Implementação de tele mensagens nos aniversários.

Ações do Departamento de Imprensa:

I - Reformulação da página do SISEJUFE-RJ;

II - Edição mensal da Idéias em Revista



III - Continuidade do jornal Que Fazer
IV - Boletins específicos

PARA 2007

I - Continuidade das publicações
II - Envio de boletim eletrônico

Ações do Departamento Jurídico

I – Ações Judiciais:

O item engloba a elaboração de petições iniciais, com o fim de ajuizamento de ações judiciais do interesse coletivo da categoria, individuais dos associados ao Sindicato ou dos membros de sua direção. Foram as seguintes:

Atos nºs 568 e 569/2006 do TRT da 1ª Região: ação anulatória (à assessoria jurídica do Rio de Janeiro)

Imposto de Renda sobre os juros de mora dos créditos dos 11,98%: ação judicial que pretende sua devolução (à assessoria jurídica do Rio de Janeiro, com possibilidade de ajuizamento, com êxito, em Brasília)

Imposto de Renda sobre o auxílio pré-escola: ação judicial que pretende sua devolução (à assessoria do Rio de Janeiro, com possibilidade de ajuizamento em

Brasília)
Integração do Estágio Probatório na progressão funcional: ação judicial para os servidores da Justiça Federal do Rio de Janeiro (à assessoria jurídica do Rio de Janeiro)

Chefes de Cartório do TRE/RJ: ação judicial para o pagamento de pró labore (à assessoria jurídica do Rio de Janeiro)

Chefes de Cartórios Eleitorais do TRE/RJ: ação judicial contra a discriminação na remuneração dos ocupantes da função nas zonas eleitorais do Distrito Federal e das Capitais e do Interior (à assessoria jurídica do Rio de Janeiro)

Indenização por ausência de revisão anual: ação judicial (à assessoria jurídica do Rio de Janeiro)

Incorporação de Quintos até a MP nº 2225-45/201: ação judicial (à assessoria jurídica do Rio de Janeiro)

Defesa do B-17

II – Contra o assédio moral:

Ação contra a ex-diretora do CCJF (que acabou com seu afastamento).

Ação contra a ex-juíza de Angra (que acabou afastada).

III – Intervenções no Conselho Nacional de Justiça

O item engloba as intervenções no Conselho Nacional de Justiça, por suas modalidades previstas regimentalmente:

Resolução nº 27 do TRF da 2ª Região: procedimento de controle administrativo provido, para restabelecer o recesso forense entre os dias 20 de dezembro a 6 de janeiro

IV – Denúncias ao Tribunal de Contas da União

A denúncia ao Tribunal de Contas da União foi uma arma estratégica que revelou potencial acima das expectativas, no ano de 2006. Foram duas, com uma terceira em elaboração:

Contra o TRE/RJ: denúncia acolhida e estendida para todo o território nacional, contra a lotação de chefes de cartórios eleitorais não integrantes do quadro de pessoal.

Contra o TRE/RJ: a lotação, ainda, de servidores requisitados, fora do quadro de pessoal (em elaboração, com ajuizamento previsto para o mês de fevereiro de 2007)

Contra o Diretor do Foro da Seção Judiciária da Justiça Federal do Rio de Janeiro: anulação da Portaria nº 19





V – Requerimentos Administrativos

Trata-se, no tópico, da elaboração de requerimentos às administrações dos órgãos judiciais, na defesa dos interesses da categoria. Serão sistematizados por órgão ou serão caracterizadas como “genéricas”, dado seu alcance geral (é de se observar que muitos dos requerimentos são resultado de pareceres ou notas técnicas, que serão listados abaixo):

Ao TRE/RJ

- Aplicação do art. 22 da Lei nº 11.416/2006
- Contra o Ato nº 1.074/2001
- Quanto à convocação ad hoc de oficiais de justiça

Ao TRF da 2ª Região e a sua Seção Judiciária do Rio de Janeiro

- Alteração do horário de funcionamento do Tribunal e da jornada de trabalho de seus servidores
- Contra a Resolução nº 10, para o pagamento do auxílio-alimentação na licença por doença de pessoa da família
- Contra a Portaria nº 19-GDF/2005, do Diretor do Foro da Seção Judiciária do Rio de Janeiro
- Incidência da mensalidade sindical sobre a parcela recebida a título de atrasados, pela implantação do plano de carreira da Lei nº 11.416/2006

Ao TRT da 1ª Região

- Contra os Atos ns. 568 e 569/2006

Genéricas

- Juros de mora sobre os 11,98%
- Liberação de dirigentes sindicais, com ônus para o Sindicato

VI – Pareceres e Notas Técnicas

As respostas às demandas da Diretoria do SISEJUFE/RJ são formuladas pela assessoria jurídica de Brasília por meio de Pareceres ou Notas Técnicas.

Podem ser relacionadas as seguintes:

Roberto Ponciano: quanto ao abonamento de suas faltas, pelo exercício de mandato sindical

Quanto à Portaria nº 19-GDF/2006, do Diretor do Foro da Seção Judiciária do Rio de Janeiro

Quanto à Resolução nº 521/2006 (consignação facultativa do plano de saúde)

Sobre o alcance do art. 12 da Lei nº 10.475/2002

Sobre a Resolução nº 10 do TRF da 2ª Região, quanto ao pagamento do auxílio-alimentação na licença por doença de pessoa da família

Chefes de Cartório Eleitoral do TRE/RJ, Lei nº 10.842/2004, discriminação entre os ocupantes da função nas zonas eleitorais do Distrito Federal e das Capitais e do Interior

Licenciamento dos dirigentes sindicais do SISEJUFE/RJ e a Lei nº 8.112/1990

Convocação ad hoc de oficiais de justiça no âmbito do TRE/RJ

VII – Material de Divulgação

Neste item são relacionados os artigos e notas encaminhadas à Diretoria do SISEJUFE/RJ, para que divulgasse sua atuação no campo jurídico/administrativo:

Notas sobre a denúncia ao TCU, contra a lotação de chefes de cartórios eleitorais não integrantes do quadro de pessoal do TRE/RJ

Nota sobre o Ato nº 1.074/2001 do TRE/RJ

Nota sobre os Atos nºs 568 e 569 do TRT da 1ª Região

Nota sobre a Portaria nº 19-GDF/2006 do Diretor do Foro da Seção Judiciária da Justiça Federal do Rio de Janeiro

Artigo sobre a incidência do imposto de renda sobre o auxílio pré-escolar

Artigo sobre a possibilidade de indenização pela ausência de revisão anual

Artigo sobre a contribuição previdenciária do aposentado por invalidez

Artigo sobre a incorporação dos quintos até a MP nº 2225-45/2001

Artigo sobre a incidência de juros de mora sobre os 11,98%

Artigo sobre a ação popular contra decisão do Conselho da Justiça Federal, quanto aos juros dos 11,98%

Ricardo Quintas Carneiro Rudi Meira Cassel

(*) de Brasília (Cassel e Carneiro Advogados)

Nós Imortais - O mundo é de Hades



Glória Horta *

Morremos nós, simples mortais, ficam nossos nós, atemporais. Ficam as filhas, em busca de um colo de mãe, fica a mãe-terra, e a que não mais germina, fica dentro de nós a menina.

Trago em mim o medo do escuro do mundo das trevas, para onde somos arrancados volta e meia. É a crise que nos transforma, é o amor que nos transmuta. A mãe também é filha e não conheço esta senhora que ora me habita. Com disciplina aprendo a entrevistá-la todos os dias, e ela nem tem respostas prontas.

Como vou deixá-la agir sozinha, se nasce dentro de mim uma mulher madura inteira, como quem vem à luz adulta e armada feito Atená guerreira que fulmina em nome da paz, escudo em punho, bem polido para refletir Medusas, para espantar medos carreteiros de língua de fora que usará como emblema no peito enquanto alguém tiver receio do encontro.

Trago no meu coração coleções de Medusas assustadas, graias quase cegas, juventudes degoladas, dois sangues. Sei do amor que petrifica, da circunstância em que fico sem fala, e quando falo o outro não me ouve, segue conversa afora. Estou à mesa, diante de todos, mas minha voz não tem eco, penso que digo

mas repito, e alguém finge que não ouve, ou finge que ouve e se distrai em plena frase.

Queria descansar, viva. Receber Héstia em minha casa com o fogo aceso, o incenso, a lamparina, a vela, o coração quente, oferecer-lhe um café feito na hora em meu fogão de lenha, emprestar-lhe cobertas de cobrir pés, e sussurrar em seus ouvidos de deusa meus segredos de família:

– Não quero um marido Zeus que tudo em que toca se multiplica. Quero um companheiro da minha idade que possua o capacete da invisibilidade, que não voe de manhã antes que eu lhe veja o rosto magnífico, deixando-se queimar por óleo ardente.

Não quero quem devora os filhos, prioriza o trono. Do meu inferno quero o dono, o que sempre negocia. Não quero um homem feio que passa o dia trabalhando suado em quentes oficinas. Quero uma sina. Estar com Hades, carruagem

tração nas quatro rodas, senhor de si e dos quintos dos infernos, hospitaleiro. Quero a realidade subterrânea, as estradas de terra que os mapas não registram, e até os bons filmes do cinema, onde o escuro nos transporta para outros mundos com a certeza de que em duas horas as luzes se acendem e levantamos todos, com aquela cara de quem chegou de viagem longa, de quem sai feliz talvez do transe, acorda de súbito depois de sonhos fortíssimos, ou termina de gozar alto feito bicho, volta a si, e acha que tem que falar alguma coisa.

Hoje quero ser querida. Quente, inteira e perseguida. Perséfone, não a raptada brejeira, que grita mamãe tão baixo que ninguém ouve, mas a Senhora e Soberana das Trevas Absolutas que, vamos ser sinceros, é onde passamos a maior parte de nossa vida. A íntegra do texto pode ser lida em www.nosimortais.zip.net ■

(*) Servidora do CCJF

Do paraíso ao inferno

Marlene de Lima *

Lançou um olhar panorâmico nas filas de cadeiras. Depois, resoluta, se sentou ao meu lado. O garoto de uniforme colegial foi para a proa. A barca fazia aquela curva lenta para Niterói, quando a passageira começou a desfiar sua história, sem mais nem menos, como num velho papo entre amigas. Ainda jovem, Ruth conhecera um homem maravilhoso. Recém-saído de um seminário, ele entrou para a mesma igreja batista freqüentada por ela e a mãe. No ano seguinte estavam casados. A coincidência de fatos positivos fazia de suas vidas um mar de bênçãos: Ezequiel, além de bem sucedido na vida, era amoroso e dedicado. Licenciado o velho pastor, ele foi investido no cargo, sem abandonar a gerência do banco onde trabalhava. Tiveram um filho. Enfim, a bem-aventurança.

A mãe, agradecida, se dizia segura e feliz sob a proteção do genro. Sem querer incomodar, Ester trabalhava como zeladora do templo e continuava morando em sua própria casa.

Certa sexta-feira, ele chegou do trabalho quase às dez. Tinha se distraído no aniversário de um subordinado. Tudo bem. Para que tempestade em copo d'água?

E tudo continuaria bem, não se repetissem essas sextas, as desculpas, o sexo morno, o desinteresse. Chorava escondida. Não queria fazer drama. Hesitou em contar à mãe: a pobre, agora viúva, tinha sofrido o diabo na mão de um marido infiel. Mas, roída pelo ciúme, acabou por desabafar. Ester aconselhou a filha a pôr de lado as suspeitas.

– Você tem sorte de ter um marido como Ezequiel, um varão de Deus, glorificou.

Fazia calor na no sábado em que se festejaria o aniversário da igreja. Oito da



noite e nada de Ezequiel. Ruth, angustiada, decidiu ir ao templo. Estaria vazio, mas ali, em comunhão com Deus, buscava consolo e forças.

No salão do culto, admirou a limpidez dos vitrais, as cortinas imaculadas, a toalha de renda cobrindo o púlpito. A grande cruz rústica reluzindo de óleo de peroba. Ali, de joelhos em solo sagrado, receberia, sem dúvida, a palavra inspiradora.

Estranhamente, em vez da voz do Espírito Santo, ouviu um leve barulho vindo lá de trás. Curiosa, se ergueu e deu uma olhada, primeiro na tesouraria, depois nas outras dependências. Por fim, entrou na saleta onde os recém-convertidos vestiriam as roupas brancas. Subiu os degraus estreitos de cerâmica, rentes à parede, que levavam à pequena piscina retangular, onde o pastor realizava os batismos.

Do topo, viu o casal semi-imerso na água transparente. A eloqüência do relato me fazia coadjuvante da cena. O homem

recostado nos degraus do reservatório. A parceira, de braços sobre ele, o enlaçava apoiando o rosto no aconchego peludo do peito. O ondear tardio e revelador das águas. Pela beatitude dos corpos nus e saciados, sogra e genro talvez nem merecessem ser expulsos da congregação.

Porém um grito doido, seguido de outros e mais outros, varou as paredes do santuário e ganhou a ruazinha, assustando os moradores. Agora ecoava ali e se fundia com o impacto da barca contra o píer, mesclava-se ao ruído dos passageiros se movimentando para a saída, ao assobio de outra embarcação.

Ruth, já em pé, continuava com os olhos pregados em mim. Seus lábios se moviam, mas eu não conseguia entender as palavras. Talvez falassem da fé que se escoara no ralo do batistério. Deu-me as costas e desapareceu no balanço do cais. Lá fora, ainda a vi, de mãos dadas com o filho, atravessar a rua ■

(*) JF Rio Branco

O BB7, a alienação, o indivíduo e o individualismo

Laerte Braga*

Quem se der ao trabalho de prestar atenção à cobertura do BBB7 vai perceber que toda a mídia, sem exceção, cuida do programa. O que vale dizer: os próprios concorrentes da Rede Globo. Entrevistas, colunistas "analisando" os protagonistas, enfim, todo um processo de envolvimento que tem e cumpre um único objetivo: alienar e exacerbar o individualismo, condição básica para as conjunturas políticas, econômicas e sociais no Brasil e no resto do mundo.

A mídia chegou à conclusão que pode transformar as mais glamorosas boates, aquelas em que o público se acostuma a ver nas novelas, com mulheres sofridas, ou sonhadoras, com dramas sem medida, despertando compaixão e que volta e meia uma e outra terminam bem. Quase sempre, arranjando um fazendeiro ou empresário rico.

O BBB7 é só isso. Homens e mulheres vendendo a idéia de gente normal, desejo de vitória, de sucesso, disputam R\$ 1 milhão, vantagens outras como celebridades por algum momento. Proporcionam um faturamento impressionante aos patrocinadores e mantêm as pessoas longe e distantes da realidade, de cada falcatrua diária do poder.

A mídia é o instrumento de um processo muito bem arquitetado de alienação e de transformação do ser humano em objeto. Você compete com educação, com respeito, que não existem. Os meandros mostram a mesquinha de cada personagem. É o que vendem e instalam como se programas de computador fossem nas pessoas robôs.

A convicção que tudo depende de você é o primeiro passo. O você pode. Para, logo em seguida, pode mas não tem alternativa, tem que ser assim. Pronto, você está dominado. Surge a verdade absoluta que entra em sua casa disfarçada de sucesso e poder (nem tanto), todos os dias em horário nobre. E se quiser tem pacote na tevê paga para bisbilhotar a casa o dia e a noite inteiros.

É fácil constatar isso. A perda total da identidade das pessoas. Você vira número, aceita realidades únicas, como se fossem verdade. Você se sujeita a toda a sorte de humilhações. Acredita lutar por você e bus-



cando liberdade (que não existe, pois está sendo destruída, é isso que querem). Sugere que você é parte de um novo mundo.

Não há como reagir? Uma realidade da qual não se pode fugir? Como não? Por que não? Se olharmos à nossa volta são, dentre outros, fenômenos que resultam disso: o "mercado da angústia", visível no corre-corre de cada dia e que é consequência da exploração do poder humano. É o "mercado da competição", onde o importante é sorrir, dizer bom dia e meter a faca na primeira oportunidade e a implantação em você, em todos, do chip. Não faça nada! Corra para casa nas folgas e se prepare para os embates das segundas às sextas.

O BBB7 consegue alienar de tal forma que com toda certeza menos de um 1% das pessoas saberá responder quantos

morrem diariamente no Iraque. Ou de fome. Ou quantos estão mergulhados na depressão gerada pelo sistema da verdade absoluta. Ou quantos suicídios em cada canto do mundo ocorrem todos os dias. O que estão fazendo, num contexto geral do qual o BBB7 é parte em todo o mundo, é que você acredite que tudo depende só de você e o outro é problema e atrapalha.

Mas há quem reaja e há quem sobreviva. Não importa o preço. Desde que não perca a capacidade de amar e reparar. De compreender e viver. Ou até de morrer, faz parte da vida. Mas que lute e não aceite o chip da alienação/individualismo que amedronta cada dia mais ■

(*) Servidor da Justiça Militar, MG, filiado ao SITRAEMG

O pacto com a morte

Mauro Santayana

Quando uma jovem da alta classe média paulista – Suzana Richthofen – planejou e participou do assassinato de seus pais, trucidados, enquanto dormiam, a golpes de barras de ferro dados pelo namorado e o irmão dele, ninguém pediu a pena de morte para a moça. Ao contrário: surgiram comunidades de internautas, dizendo que a amavam.

Quando um índio pataxó foi queimado, enquanto dormia, para o divertimento de rapazes da alta classe média brasileira, respeitável juíza do Distrito Federal quis desclassificar o crime, a fim de evitar que fossem levados ao tribunal do júri. Muitos se mobilizaram, a fim de desculpar os assassinos. Eles estavam apenas querendo “brincar” com o índio. Depois se soube que os rapazes foram privilegiados na prisão: um deles saía para o curso universitário e, entre o fim das aulas e o retorno a uma cela especial, tomava cerveja com os amigos.

É claro que nos revolta muito mais a morte de uma criança de seis anos, da forma brutal como se deu, do que a execução de duas pessoas de meia-idade, e a de um remanescente dos bravos



tapuias do litoral da Bahia. O que choca, ainda mais, no caso do menino João Hélio, é a extrema precariedade da vida nas grandes cidades. Morre-se sem nenhuma explicação, como se todos nós andássemos com uma pistola carregada, jogando a roleta-russa. Quando menos se espera o dedo invisível das circunstâncias dispara o gatilho.

Se a mãe do menino houvesse passado pelo local cinco minutos antes, ou cinco minutos depois, talvez nada tivesse ocorrido. Ao sair do centro espírita naquele exato momento e ao escolher aquele trajeto, ela estava, para seu desespero, entregando o filho ao despropositado martírio.

Todos nós nos sentimos atingidos pelo crime, mas não temos a mesma carga de sofrimento e de ódio dos pais do garoto. Eles têm todo o direito de exigir punição mais severa para os criminosos – até mesmo a morte – incluída a do menor que participou do assassinato. Se pensarmos no que sentiríamos se isso ocorresse a qualquer um de nós, não há limite para o ódio, não há como conter o desejo de vingança. Qualquer pai seria capaz de matar o assassino do filho, ou da filha, como tem ocorrido. A senhora, que matou a

facadas o adolescente que violentara seu filho pequeno, fez o que muitos de nós seríamos capazes de fazer.

Quando crimes tão bárbaros são cometidos há uma reação coletiva irracional. É o que está ocorrendo agora, quando se pede a pena de morte para os assassinos do pequeno João Hélio. E essa reação é tão mais despropositada quando parte de alguns dos mais poderosos meios de comunicação de massa em nosso país. É o momento da desforra de parte da classe média contra os que defendem os direitos humanos. Jornalistas e parlamentares recorrem a adjetivos fortes, arregalam os olhos, gesticulam, pedindo que o Estado exerça vingança implacável contra os assassinos.

Eles se esquecem de que todos nós, criminosos ou não, já estamos condenados à morte. E se esquecem de que a execução de qualquer criminoso, seja jovem ou velho, não é exatamente um castigo. A agonia de um condenado dura, quando muito, alguns segundos. Depois disso, é o nada. A prisão por bom tempo, nas condições carcerárias do Brasil de hoje, talvez seja punição bem pior do que a morte. ■

(*) Agência Carta Maior

ADORO O SOLO DE VIOLINO PARTITA NÚMERO 2, DE BACH, ESPECIALMENTE O MOVIMENTO CIACCONA.



ISSO ME TRAZ LEMBRANÇAS DO MEU IRAQUE ANTES DA OCUPAÇÃO.



EU TINHA UMA VIDA, MAS TUDO SE FOI! TUDO DESTRUÍDO POR UM ATAQUE AÉREO AMERICANO!



MAS SE MEU VIOLINO ME TRAZ LEMBRANÇAS...



...MEU RIFLE TRAZ MEDO AOS AMERICANOS!



LATUFF 2007

JUBA, O ATIRADOR DE BAGDÁ

Cinema e carnaval

Clarisse Faria *

Viver não é fácil, e quanto a isso, todas as sociedades trataram de arumar anestésicos que tornem suas existências mais leves e palatáveis. Aqui, nos esbaldamos no ritmo e no espírito do carnaval. Os norte-americanos se deliciam com o cinema. À primeira vista, cinema e carnaval não têm nada a ver, exceto pelo fato da premiação do Oscar e do feriado de carnaval ocorrerem mais ou menos na mesma época. Contudo, ambas provocam as mesmas reações: esperança e encantamento. São os ópios de seus povos.

O carnaval, festa do povo, orgia de ritmos, explosão de cores e sensualidade traduz uma herança sócio-cultural-étnica do brasileiro. Reflete o sentimento de um povo que nasceu para a felicidade, mas vive no sofrimento do ganhão-nosso-de-cada-dia, das injustiças e desigualdades. É a celebração da vida abençoada e ansiada em sua plenitude, o grito do oprimido, a liberdade do escravizado, a esperança do deserdado.

Já o cinema norte-americano tem seu valor. A mensagem é muito clara: o mundo é feliz e a humanidade tem salvação. Você sai leve e feliz da sessão.

Ainda que um tanto inverossímeis, os finais felizes fazem parte dessa cultura (alienante, vá lá), assim como o extravasamento e a esperança do próximo carnaval fazem parte da nossa realidade. E qualquer crítica quanto a esse aspecto é injusta. Há, todavia, críticas excepcionais, como a de Woody Allen, que soube fazê-la com todo brilhantismo e sensibilidade em "Rosa Púrpura do Cairo".

A disseminação do cinema coincidiu



“Toda expressão cultural pretende passar uma mensagem. As do cinema de Hollywood e do mais puro carnaval brasileiro são de otimismo, esperança e felicidade”

com a crise dos anos 30, nos EUA. O povo estava desiludido e precisava acreditar. O cinema trouxe esperança. A fórmula deu certo e o hábito do final feliz acabou se perpetuando. Já o nosso carnaval remonta a épocas mais remotas, vertido a sangue, suor e lágrimas dos escravos, que teriam “direito à uma alegria fugaz, uma ofegante epidemia” (Vai Passar, Chico). Entoa o libelo derradeiro da esperança e

da humildade, formadoras da essência mestiça e enriquecida de nossa gente. E como todo bom ópio, o carnaval tem sua parcela de alienação.

Ninguém tem coragem de viver o carnaval todos os dias. E não me refiro à esbórnia, mas à atitude. Coragem de ser feliz, de assumir-se, de tolerar, de perdoar. O brasileiro vive se contendo, que nem na música do Chico: “tô me guardando pra quando o carnaval chegar”..., e depois, quando acaba a efêmera comemoração, retorna ao gris de duros cotidianos, como na “Marcha da Quarta-feira de Cinzas”, de Carlos Lyra: “...acabou nosso carnaval, ninguém ouviu cantar canções, ninguém passa mais, brincando, feliz, e nos corações, saudades e cinzas, foi o que restou”... Temos saudades de tudo o que não conseguimos ser, mas que conseguimos sentir na breve dormência do sonho do carnaval.

Enfim, toda expressão cultural pretende passar uma mensagem. As do cinema de Hollywood e do mais puro carnaval brasileiro são de otimismo, esperança e felicidade. E os sentimentos induzidos, seja por uma sessão de cinema, seja por um feriado de carnaval, são de expectativa e saudade de algo que não fomos ainda. Os americanos têm a sensação que, não importa o que aconteça, no final tudo acaba bem. Só até o final da sessão. E nós, no carnaval, sentimos as “baterias recarregadas”, a fé inabalável que o mundo vale à pena e que a felicidade vai contagiar a todos, indiscriminadamente. Só até a Quarta-feira de Cinzas. Mas a questão é que todos saímos com a vaga impressão de que poderíamos ser melhores ■

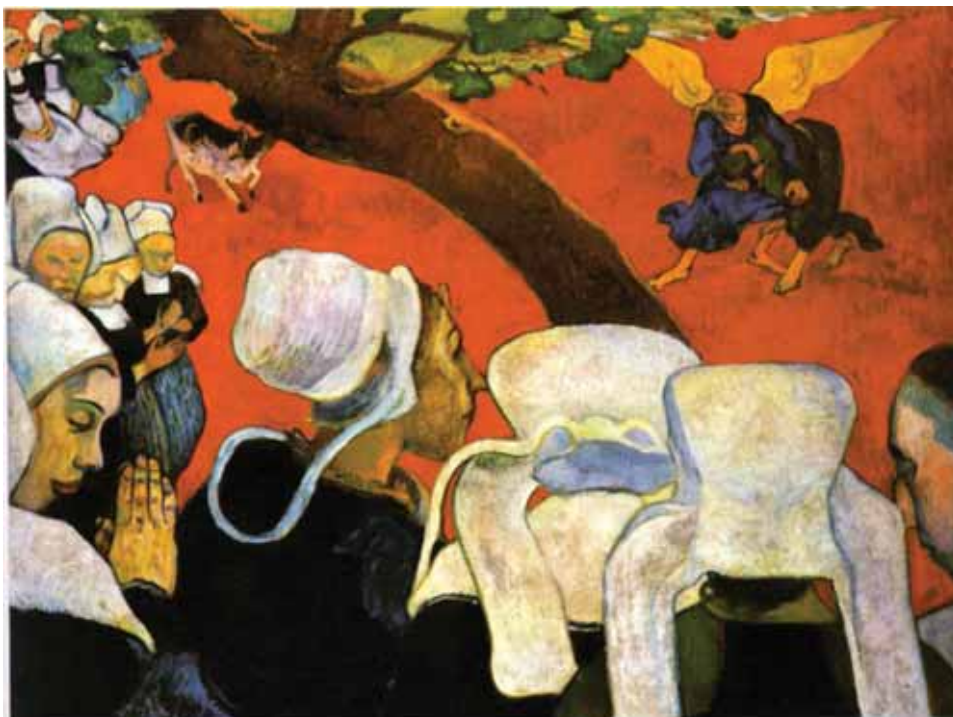
(*) Servidora da Justiça Federal

Portugal faz referendo popular e aprova despenalização do aborto

Portugal realizou um referendo popular sobre a despenalização do aborto no país. A votação foi dia 11 de fevereiro deste ano. A campanha do “sim” venceu com 60% dos votantes, contra 40% para o “não”. O próximo passo, agora, é a aprovação da lei na Assembléia da República (mais detalhes no sítio www.esquerda.net). No mundo, a União Soviética foi o primeiro país a descriminalizar o aborto, em 1920, os países escandinavos na década de 30, a Europa Ocidental na década de 70. Na América Latina, em alguns países do continente africano e em nações muçulmanas ainda vigora a penalização da mulher que interrompe a gravidez.

Atualmente, no Brasil o aborto é considerado crime, exceto em duas situações: de estupro e risco de a mãe perder a vida. Tramita no Congresso Nacional um anteprojeto para alterar o Código Penal, incluindo uma terceira possibilidade quando da constatação de anomalias fetais. Seria mais um projeto pela descriminalização do aborto no nosso país.

O governo federal, por meio da Secretária Nacional de Políticas para a Mulher, criou uma Comissão Tripartite (governo, Congresso e sociedade civil) para o estudo sobre a revisão da legislação que prevê medidas punitivas contra as mulheres que se submetam a abortos. É uma demanda aprovada na I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, realizada em 2004. O evento contou com a participação de mais de 120 mil mulheres de todas as regiões do país, um número significativo de companheiras



que discutiram políticas públicas voltadas para nós.

O movimento feminista defende que a descriminalização do aborto não deve ser considerada um método contraceptivo, mas sim o direito da mulher de decidir sobre o seu corpo. Segundo Nalu Farias, coordenadora da Marcha Mundial de Mulheres, “anticoncepcionais e educação diminuem o número de abortos, mas não eliminam a gravidez indesejada. Há um conjunto de elementos opressores sobre a mulher, o padrão de sexualidade é muito mais definido pelos homens”.

– Elas muitas vezes não têm total autonomia sobre quando e como a relação sexual ocorre. Existe uma hipocrisia nesta crítica contundente – avalia.

Estima-se que no Brasil ocorram de 750 mil a um milhão de abortos

clandestinos, em média 240 mil mulheres são internadas no SUS vítimas de abortos inseguros e essa é a quarta causa de morte materna no país. O aborto deve deixar de ser visto como um crime ou pecado para passar a ser encarado como um direito da mulher, uma questão de saúde pública e de justiça social, já que mulheres com mais recursos financeiros fazem abortos seguros em clínicas clandestinas. Quem sofre as seqüelas são as mulheres pobres, principalmente negras e jovens.

A legalização do aborto deve vir acompanhada de medidas educativas e um amplo acesso a métodos contraceptivos. Portugal, com esta medida, “já pertence ao século XXI e à Europa”, afirma Francisco Louçã. O Brasil deve seguir o mesmo caminho, abrindo este procedimento para a América Latina ■

Mais de 380 mil famílias foram assentadas em quatro anos



O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá) informaram que nos últimos quatro anos 381.419 famílias foram assentadas, em 2.343 projetos, totalizando 31,6 milhões de hectares. A área destinada à Reforma Agrária e o número de famílias assentadas de 2003 a 2006, segundo os dois órgãos, representa o melhor desempenho da história do Incra, em seus 36 anos de atuação.

A média anual de famílias assentadas nos últimos quatro anos é de 95.355. Somente em 2006, foram criados 717 projetos de assentamento, em 9.402.089 hectares, para beneficiar 136.358 famílias. O incremento nos recursos destinados à obtenção de terras é expressivo nestes quatro anos, passando de R\$ 409 milhões em 2003 para R\$ 1,37 bilhão em 2006, com condições para o cumprimento

das metas de assentamento definidas no II Plano Nacional de Reforma Agrária (II PNRA). No total, em quatro anos, foram aplicados R\$ 4,1 bilhões na obtenção de terras.

A qualificação dos assentamentos foi priorizada, por meio de investimentos de mais de R\$ 2 bilhões. Os recursos foram aplicados, por exemplo, na construção de estradas. Desde 2003, foram construídos ou reformados mais de 32 mil quilômetros de estradas e pontes, beneficiando diretamente 197 mil assentados.

Outra conquista da Reforma Agrária é o acesso ao conhecimento. Com o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), o governo federal afirma que garante o acesso à educação entre os trabalhadores rurais, por meio de 141 cursos. Os assentamentos também ganharam, nos últimos quatro anos, acesso à luz elétrica em uma parceria do MDA/Incrá com o Ministé-

rio de Minas e Energia. Mais de 132 mil famílias em 2.300 assentamentos já foram beneficiadas com o Luz para Todos.

Um significativo crescimento também foi registrado, segundo o ministério, nos recursos destinados aos créditos de apoio e instalação. Os montantes investidos passaram de R\$ 191 milhões em 2003 para R\$ 871,6 milhões empenhados em 2006. Além disso, o número de famílias assentadas beneficiadas com assistência técnica cresceu significativamente no Brasil, assegura o Incra. Em 2006, o número de famílias atendidas

foi superior a 555 mil.

Outra importante ação implementada nesta gestão, segundo levantamento do governo federal, foi a mudança na qualidade da gestão do Incra, como o fortalecimento institucional da autarquia, com a realização de concurso público, o aumento no número de superintendências e sua modernização tecnológica. Foram nomeados 1.300 servidores aprovados no concurso realizado em 2005, o que somado aos nomeados desde 2003 totaliza mais de 1.800 novos servidores, representando um aumento de mais de 40% na sua força de trabalho.

A relação completa dos beneficiários da Reforma Agrária em todo o país durante o ano de 2006 deverá estar disponível em breve para consultas no endereço do Incra na internet: www.incrá.gov.br. Na lista, constará o nome de cada assentado, o número da carteira de identidade e a localização do assentamento ■

Coca-Cola: isto faz um mal

O que deveria ser uma simples bebida refrescante, pode provocar sérios problemas à saúde. A "Coca Light", por exemplo, que usa derivados de açúcar, ou açúcar sintético em grandes quantidades, provocaria danos cerebrais, perda de memória e confusão mental, segundo a Associação Mexicana para Defesa do Consumidor (Amedec). A substância que provoca estes males é o aspartame, que poderia contribuir para o desenvolvimento do Mal de Alzheimer. Os componentes químicos do aspartame têm outras conseqüências graves por um consumo excessivo, como danos à retina e ao sistema nervoso.

Todo o mundo sabe que depois de "OK" a palavra mais entendida no mundo é Coca-Cola.

Calcula-se em US\$ 68 bilhões o valor da marca. Quer dizer, mais do que o triplo das vendas da multinacional. Em mais de 200 países, as pessoas matam a sede diariamente mais de um bilhão de vezes com produtos Coca-Cola. No total são 90 bilhões de litros por ano.

O que pouca gente sabe é que por detrás dessa multinacional existe um lado obscuro. A Coca-Cola é a primeira empresa em termos de repressão e exploração do movimento operário. Em 20 de julho de 2001, o sindicato colombiano Sinalltrainal apresentou na Flórida, com o apoio da estadunidense United Steel Workers of America e a International Labor Rights Fund, uma demanda contra a empresa e seus sócios na Colômbia, em que afirma que esquadrões da morte paramilitares, que cometeram assassinatos, seqües-



“A Coca-Cola é acusada de degradar o meio ambiente. A britânica BBC comentou que ela contaminou, em 2003, grandes superfícies agrícolas no sudoeste da Índia com produtos químicos tóxicos e cancerígenos, como o chumbo e o cádmio”

tros e torturas

contra membros do sindicato, o fizeram como agentes da multinacional. Cinco sindicalistas foram assassinados e outros 65 ameaçados de morte. Mais de 1.800 sindicalistas foram mortos na Colômbia na última década.

A Coca-Cola é acusada de degradar o meio ambiente. A britânica BBC comentou que ela contaminou, em 2003, grandes superfícies agrícolas no sudoeste da Índia com produtos químicos tóxicos e cancerígenos, como o chumbo e o cádmio. Advertiu a multinacional sobre o seu exagerado consumo de água, que provocou uma seca com conseqüências catastróficas para a agricultura local.

A ficha corrida da empresa é longa em todo o mundo. Em 1985 se apro-

priou de 78.914 hectares de terras em Belize para colocar uma mega plantação de cítricos que seriam processados na Flórida. Em 1999, em Kerala (Índia), a Coca-Cola destruiu plantações agrícolas extraíndo, diariamente, 1,5 milhões de litros de água subterrânea, até que a Suprema Corte proibiu a atividade. Em 1999, na Polônia, foi condenada por venda de bebidas contaminadas com fungos. Em 2000, nos Estados Unidos, foi multada em US\$ 192 mil por práticas de discriminação racial. Em 2002, no Paquistão, fotografaram práticas de exploração do trabalho infantil, empregando crianças para cozer bolas de futebol promocionais. Em 2002, na Índia, acabou condenada pela Corte Suprema por desastre ambiental, ao pintar publicidade gigante diretamente sobre rocha no Himalaya.

Em 2003, nos Estados Unidos, a Coca-Cola despediu 3.700 empregados. Mas pagou bônus por produtividade de US\$ 8,4 milhões a seis funcionários de mais alto escalão. Em 2004, em El Salvador, usou crianças para cortar cana-de-açúcar, em jornadas de até nove horas com uso de foices sob sol escaldante e sem nenhuma cobertura sanitária ■

VII Forum S



Social Mundial

FOTOS: Ana Cristina Lima



ÁFRICA um continente pede passagem

FOTO: Ana Cristina Lima



Renato Gianuca*

A sétima edição do Fórum Social Mundial (FSM), na capital do Quênia, Nairóbi, representou uma oportunidade única para que as multidões reunidas no gigantesco Centro Internacional de Esportes, no distante distrito de Kasarani, a uma hora de ônibus do centro, expusessem as inúmeras reivindicações dos 53 países africanos. De fato, o FSM

foi centrado, basicamente, na temática africana. A distância e os altos custos do deslocamento até a África Oriental diminuíram, drasticamente, o comparecimento de um maior número de participantes latino-americanos e asiáticos. Já as delegações dos países ricos do Primeiro Mundo compareceram em bom número.

Mas sem dúvida a grande maioria dos cerca de 70 mil participantes era africana. É fato também que as ONGs ocidentais pautaram muitos

debates em torno de temas como a dívida dos países africanos para com os países ricos; as epidemias de febre amarela, malária e Aids; a questão polêmica da privatização da água; além de temas tabus para a maioria dos africanos, como os direitos dos gays e lésbicas. Isto sem deixar de lado os graves problemas ambientais africanos.

O FSM africano também enfrentou sérios problemas de organização. Mas conseguiu vencer todos os obstáculos. Os organizadores talvez não tenham dado conta de que, neste ano de 2007, o Quênia entrou em processo eleitoral presidencial. Este fator, mais os permanentes conflitos armados na vizinha Somália, a par da forte instabilidade de outros países vizinhos, como o Sudão, tiraram um pouco da tranquilidade necessária para o desenrolar dos debates, conferências, seminários e marchas de protesto. Tudo ficou muito concentrado em Kasarani, como que isolando o Fórum Social Mundial

do restante dos cerca de 4 milhões de habitantes de Nairóbi.

O que chamou a atenção dos jornalistas internacionais presentes, como este veterano repórter, foi o notável avanço da República Popular da China naquele continente, cenário de tragédias e guerras civis intermináveis. Ao contrário das organizações internacionais, como o Banco Mundial e o FMI, a China oferece aos países africanos financiamentos e acordos comerciais sem condições. Buscam melhorar a infra-estrutura dos 53 países africanos. E compram os produtos locais com preços acima do mercado. Criado em 2000, o Fórum China-África já derrubou tarifas de importação de 28 países africanos.

Além de perdoar mais de um bilhão de dólares em dívidas. Os investimentos diretos da China na Mãe África já somam cerca de 7 bilhões de dólares e o comércio entre as duas partes está em 55 bilhões de dólares (ano de 2006).

Marginalizada no começo da era da globalização neoliberal, com suas matérias primas agrícolas e minerais desvalorizadas brutalmente, além de um declínio assustador dos seus indicadores sociais, a África parecia destinada a converter-se em um lúgubre cenário de caos, divisão e destruição aceleradas. Mas, neste começo de século 21, com a escassez de petróleo e o avanço do fundamentalismo islâmico, a África ressurgiu com força, aproveitando, neste 2007 que começa, as oportunidades oferecidas por uma China sequiosa de matérias-primas ■

(*) Repórter e articulista da EcoAgência de Notícias Ambientais (Brasil) e integrante da Comissão de Ética do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul

Ecos do FSM de Nairóbi



Irene León e Sally Burch *

Por sua ampla convocação e seu caráter plural, o Fórum Social Mundial (FSM) é o mais significativo espaço de desenvolvimento de pensamento, idéias e construção de alternativas frente ao neoliberalismo. As 1.200 atividades da agenda da 7ª edição, realizada em Nairóbi, no Quênia, de 20 a 25 de janeiro, dão conta da vitalidade da inovadora proposta, que tem como coluna vertebral movimentos, redes, campanhas, intelectuais, que marcaram a substância de seus conteúdos e dinâmicas. Nesta ocasião, especialmente, deram a oportunidade de ver o mundo a partir da África, um continente rico em iniciativas sociais e políticas, uma vez que demonstrou ao extremo as incongruências do modelo.

Sem dúvida, o ganho político deste último Fórum é justamente ter aberto a oportunidade de pensar nas lutas mundiais desde um continente em ebulição, que conta com uma bagagem significativa de conquistas recentes: as independências coloniais registradas no último

meio século, a abolição do Apartheid na África do Sul ocorrida em 1990, as tentativas de construção do socialismo em Angola e Moçambique, entre outros. E que conta também com interessantes precedentes gerados por novos movimentos, como, por exemplo, a vitória histórica de uma iniciativa em defesa da livre importação e o acesso a medicamentos genéricos para combater o HIV.

O Fórum de Nairóbi permitiu também que se ampliasse o espectro de redes e organizações que estabelecem e fortalecem nexos entre elas, que se definiram novos pontos de agenda comum, e inclusive que se editaram inovadoras iniciativas solidárias, como expressa o lançamento da Campanha Global pela Reforma Agrária na África, realizada pela Via Campesina e outros. Além disso motivou a pensar nas inter-relações entre os continentes.

Como parte de um processo em evolução, o Fórum foi o cenário em que apareceram tendências críticas pré-existentes e se acrescentaram outras novas. Assim, se assinalara aspectos como a comercialização do Fórum e a terceirização dos serviços, a

inegável “desidrogenização”, seu afastamento da participação popular, a intrometida segurança policial, a superdimensionada presença das igrejas cristãs, e outras questões análogas.

Desde o início, o Fórum se tornou um espaço de convergência para lutar contra o neoliberalismo, o mais amplo que se possa imaginar. Seu pluralismo, diversidade e transversalidade são elementos constitutivos; seu caráter de agora para o intercâmbio de idéias e propostas, constituem sua substância; sua essência participativa é o motor da proposta de construção de alternativas.

Mas para que isto mantenha sentido, não pode limitar-se à realização de eventos desconectados entre si, e cada vez redesenhados como uma nova experimentação. É tempo, então, de abonar a idéia de processo, fazendo que o acumulado obtido até agora sirva de plataforma ampla para as novas iniciativas, e siga aportando à construção de um ator social e político plural, que encaminhe mudanças de fundo e alternativas ao modelo ■

(*) Da Alai-AMLatina



FOTO: Ana Crislina Lima

Temas de maior destaque em Nairóbi

Irene León e Sally Burch *

Pela amplitude da agenda é impraticável lançar um olhar sobre o conjunto de problemas abordados no Fórum Social Mundial (FSM). Assim, assinalaremos algumas que se destacaram pelo caráter de novidade ou de abrangência. A principal inovação do Fórum de Nairóbi foi sem dúvida a abordagem ampla da questão do combate ao vírus HIV e a visibilidade de distintos aspectos sócio-econômicos relativos à extensa progressão do mal, que padecem cerca de 39,5 milhões de pessoas no mundo, das quais as duas terças partes estão na África Subsaariana. Por isso mesmo, as mais importantes iniciativas, propostas e mobilizações relacionadas com a questão provêm deste continente, que

contribuiu em grande escala para o estabelecimento de inter-relações entre a expansão da doença e a pobreza, como também a análise do impacto das políticas neoliberais no referido fenômeno.

Nesse sentido, a colocação em evidência da magnitude do problema, de suas engrenagens macro-econômicas

e humanas, invalidaram por si só as conservadoras campanhas pela abstinência sexual, que se fizeram visíveis pela primeira vez no Fórum. Em outro prisma, a dívida externa teve um importante destaque e a convocação, com o aporte novo de associá-la à demanda de reparações por danos provocados aos países. Como assinalou Camille Chalmers, do Jubileu Sul, "o básico é reconhecer que a dívida atual é o resultado de todo um processo histórico de saque, de destruição ecológica, física e social, e que há uma enorme dívida do Norte até o Sul". Por isso, se a articulação de campanhas próximas deve girar em torno de três palavras-chaves: repúdio, restituição e reparações.

Mais de 40 organizações e redes continentais da África, da América Latina, da Ásia e mundiais, participaram de uma assembléia para concertar posições e fortalecer a coordenação entre movimentos. Nela renovaram a rejeição às novas fórmulas de solução propostas pelas instituições financeiras internacionais, que continuam propugnando as mesmas políticas de ajuste; acertaram estimular os governos do Sul a entrar em um processo de repúdio

e de apoiá-los nessa gestão.

A prioridade acertada pela Via Campesina e outras organizações para as questões da reforma agrária e a soberania alimentar, teve significativa repercussão no Fórum. O lançamento da campanha global pela reforma agrária na África constitui um aporte significativo do movimento camponês para a resolução de um dos maiores problemas desse

continente e da humanidade, como é a fome. Pois enquanto aumenta a concentração da propriedade da terra e recursos naturais – tais como a água –, o avanço da pobreza nas zonas rurais registra índices sem precedentes: 75% dos pobres do mundo se concentram lá.

A presença das Américas foi múltipla e heterogênea. A agenda do Fórum Social das Américas, organizada pelo Conselho Hemisférico, constituiu um importante ponto de referência para participantes do continente, uma vez que foi o espaço de encontro e intercâmbio com outras realidades, tais como a da Palestina, Saara e outras áreas ■

(*) Da Alai-AMLatina

Um breve relato de quem foi ao VII Fórum Social Mundial

FOTO: Ana Cristina Lima

Sônia Palhares Marinho *

Minha participação no 7º Fórum Social Mundial ficou abaixo das minhas expectativas, de certa forma me senti frustrada em razão de questões bastante objetivas que limitaram minha participação no evento. Fui ao Fórum pela sexta vez, e o fiz na qualidade de militante dos movimentos sociais dos quais faço parte e em razão da minha atividade profissional na Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados.

Meu compromisso principal era acompanhar as discussões relativas ao movimento GLBTT, afrodescendentes e povos indígenas, estabelecer contato com representantes de Comissões de Direitos Humanos do parlamento de outros países bem como divulgar as ações da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, em particular, nossa campanha permanente "Quem financia a baixa-ria é contra a Cidadania".

Meu grupo, que era formado por mim, Grazia, Elcione e Bárbara, ficou em torno de 6 horas circulando pelos arredores de Nairobi até que encontrássemos o local onde deveríamos ficar hospedados. Chegamos à casa da Sra. Rose – nossa anfitriã – por volta das 05:00 h da manhã, o que acarretou em nosso pequeno grupo muita irritação, desgaste físico e cansaço acrescido do desgaste natural pelas 22 horas de voo. No dia seguinte mal conseguimos participar das atividades na parte da manhã.

Nosso grupo, durante todos os dias que lá estive, ficou sem condução para chegar ao Fórum, tivemos que contar com a gentileza e a boa vontade de nossa anfitriã para que pudéssemos nos locomover até o local das atividades, mas ela só pode nos levar por três dias. As vans contratadas para buscar as pessoas simplesmente não apareceram um único dia em nosso alojamento, o que dificultou nossa locomoção, ainda que tal serviço tivesse sido pago com antecedência. Tivemos problemas também com a alimentação, várias pessoas passaram mal com a comida local.



Percebi, diferentemente das outras edições do Fórum, uma excessiva mercantilização do evento, fugindo flagrantemente de sua concepção inicial. Críticas a esses problemas dirigidas ao comitê organizador foram rechaçadas pelos mesmos. Embora o Estado não se fizesse presente do ponto de vista organizativo, pessoas do governo queniano exploraram comercialmente algumas atividades. Por não existir uma rede de economia solidária no país, ao contrário de Porto Alegre, o restaurante local foi montado por uma alta autoridade do governo, cobrando preços abusivos para os padrões quenianos.

No último dia a situação se agravou mais ainda, ocorreu um novo protesto contra o restaurante e uma invasão literal do local por dezenas de crianças instrumentalizadas por adultos. O restaurante foi desativado e muitos não tiveram como fazer suas refeições, visto que aquele local era um dos poucos que não oferecia perigo à saúde dos participantes. Isso deixou boa parte dos militantes que assistiram aquelas cenas muito assustados. Outro ponto que me chamou a atenção foi a forte presença de religiosos e missionários de vários países africanos no Fórum, o que gerou um certo confronto com os movimentos homossexuais e feministas em razão de suas bandeiras de luta, particularmente no que diz respeito à descriminalização do aborto e à união civil de pessoas do mesmo sexo.

Ainda que o Brasil se fizesse presente

com autoridades, membros do governo, militantes sociais e ONGs faltou levar ao Fórum um pouco mais da nossa cultura. O show de abertura do evento ficou a cargo do cantor e compositor brasileiro Martinho da Vila, mas ficou apenas nisso. Julgo também que nossa herança cultural africana deveria ter sido mostrada de forma mais evidente, esse papel de divulgação poderia ter sido exercido pela própria Casa do Brasil que acabou se tornando um ponto de referência não só dos brasileiros presentes, mas também de inúmeros militantes estrangeiros. Um verdadeiro ponto de apoio às necessidades dos brasileiros

que lá estavam, possibilitando inclusive acesso à internet para que pudéssemos contactar nossos familiares.

Um outro ponto negativo foi o fato do Fórum ter se realizado à portas fechadas, a população local não teve o direito de ir para conhecer. Somente no último dia a organização resolveu abrir as portas ao povo queniano. Aí surgiu um outro problema, ocorreram vários furtos na área vários companheiros ficaram sem suas máquinas digitais, notebooks e telefones celulares.

Ficou muito claro a todos os participantes que a ausência de apoio governamental em muito contribuiu para o agravamento dos problemas estruturais do Fórum. Realizar um evento para mais de 50.000 pessoas sem apoio institucional se torna quase impossível. E isso não quer dizer que o Fórum Social Mundial deva estar atrelado a esse ou aquele governo, mas significa dizer que sua realização não pode prescindir da ajuda oficial.

Por último, o Fórum entra num momento de sua existência que precisa ser repensado o modelo, parece-me que ele sofre um esgotamento. No próximo ano, segundo decisão do comitê organizador, não haverá evento unificado e sim dois dias de atividades em todo o mundo, em data próxima à reunião do Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça, só devendo voltar a ser unificado em 2009 ■

(*) Integrante da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados

Moacyr Luz na linha

Moacyr Luz, violonista, compositor, arranjador, um dos nomes mais respeitados do samba e da MPB é nosso ilustre entrevistado deste mês da IDÉIAS EM REVISTA.

Eleitor de Lula desde 1982, Moacyr Luz, um apaixonado pelo Rio de Janeiro, é um dos grandes sambistas que se mantém com dignidade sem se prostituir

musicalmente. Parceiro de figuras consagradas da MPB, entre os quais o ministro Gilberto Gil e Paulo Cesar Pinheiro, Moacyr Luz fala ainda sobre a nova geração de sambistas que despontam na Lapa e explica como nasceu o Samba do Trabalhador, um dos seus maiores sucessos.



IDÉIAS - Como é sobreviver mantendo a dignidade, sem se prostituir musicalmente, frente a uma mídia que criou uma indústria da ignorância? É difícil?

MOACYR LUZ - Reconheço que sou sempre lembrado na imprensa pelos meus trabalhos, apenas faço uma observação: não sai fotos minhas em estréias, badalações, etc...meus dois últimos anos foram fazendo o Samba do Trabalhador e aí se inclui um CD e outro DVD gravado ao vivo, produzido em um disco do meu parceiro Aldir Blanc. Lançei um livro sobre "butiquins" e fiz um CD para a Petrobras musicando

poemas sobre o Rio de Janeiro. De dezembro para cá inventamos o Samba na Telha, gravei um CD que sai agora em fevereiro com o percussionista Marçalzinho e estou em fase de produção com um trabalho todo feito em parceria com o Hermínio Bello de Carvalho. Me esqueci, assinei com a Editora Desiderata outro livro sobre bar, meu fraco, com supervisão do Jaguar. Enfim, não dá tempo de pensar em indústria fonográfica, Faustão, etc...

IDÉIAS - A música popular brasileira está em uma crise de criatividade ou é a grande

de frente do samba



mídia que está ignorando as coisas novas que estão surgindo? Ou as duas coisas, já que grandes compositores como Aldir, Chico, Paulo César Pinheiro, Paulinho da Viola, todos já estão na casa dos 60 anos.

MOACYR LUZ – *Faz muito tempo que a mídia confunde cultura com entretenimento. Conheço vários novos compositores de excelente trabalho. O que acontece é que o tempo mudou. Antes poucas pessoas gravavam discos e as rádios eram menos tendenciosas. O dia continua tendo 24 horas, mas a cada segundo surge outro CD feito*

de forma alternativa, mas com a mesma expectativa de consumo. Eu acho que é só no Brasil que existe essa preocupação em troca de trono, quer dizer: não precisa aposentar o Paulo Cesar Pinheiro para outro letrista crescer profissionalmente, tem espaço e cada um saberá do tamanho dele.

IDÉIAS - Como surgiu e o que é o Samba do Trabalhador?

MOACYR LUZ - *Eu já vinha frequentando o clube Renascença todos os sábados. Quando fiz a temporada do Projeto Pixinguinha, voltei doído de saudade de rever os amigos músicos. Quase sempre os finais de semana eram ocupados com viagens, shows, coisas assim...pensei que numa segunda, nós trabalhadores, poderíamos no encontrar debaixo da caramboleira da quadra aberta, fazer uma comida devagar e cantar músicas novas. Depois a frequência aumentou muito rapidamente e eu me sentia feliz vendo uma garota empolgada convivendo com outros cascudos como Marquinhos Satã, Luiz Carlos da Vila e Zé Luiz do Império Serrano. Fiz o grupo, dei tranquilidade para os novos serem respeitados e virou o que virou....*

IDÉIAS - Como você vê esta grande retomada do samba, do partido alto, do bom pagode, este "boom" nos últimos anos no Rio de Janeiro, com a Lapa se tornando um grande empório cultural?

MOACYR LUZ - *Acho que a resposta está na primeira pergunta. Quando você se abstrai de um sucesso imediato e procura a sua sinceridade, tudo flui mais espontâneo e definitivo. O samba é assim. Tem gente no nosso meio que aos 60 anos ainda não gravou e continua sonhando com suas músicas. Outros, mais novos já têm carreira solo e turnês internacionais. Todos com a mesma verdade. Quanto a grande retomada, penso diferente: as rádios ainda tocam pouco samba. A televisão quase nada, nenhum programa de grande audiência e, para se ouvir uma música tema na novela, é preciso o autor inventar uma vila de subúrbio, colocar uma família alegre que faça roda todo os sábados no quintal. É por aí.*

IDÉIAS - Você tem acompanhado esta garotada nova da Lapa (Galocantô, Anjos da Lua, Batifundo, Sururu na Roda, etc)? É uma geração muito boa da música brasileira? Esta garotada tem futuro?

MOACYR LUZ - *Todos têm futuro! Se você ler depois dessa pergunta mais uma vez a resposta anterior, entenderá melhor. Não é bem garotada. No Sururu tem a presença fundamental da Nilze Carvalho, que deve ter uns 20 anos de carreira. No Anjos da Lua outro nome antigo de guerra, Galotti. E do Galocantô, já*

conheço a bastante tempo o Bira e o Lula. É claro que futuro é parte de um signo chamado sorte.

IDÉIAS - Não é irritante ver gênios como Paulo César Pinheiro e Aldir Blanc serem praticamente ignorados pela mídia enquanto as bundas e as carinhas bonitas do momento são exploradas como fórmula de sucesso?

MOACYR LUZ - Os dois são meus parceiros e amigos. Você acha que eles estão preocupados com isso, de mídia? A história já consagrou esses nomes, merecidamente.

“Somos todos corruptos, espertos, queremos tirar vantagem em tudo, compram os discos piratas, softwares piratas, bebidas piratas, estamos na época das caravelas trazendo pedra e levando ouro”

IDÉIAS - O Brasil é um país sem memória? Corremos o risco de perdermos nossa identidade cultural?

MOACYR LUZ - Essa frase sem memória já está desbotada. Acho que o Brasil é um país sem cabeça e sem cabeça a memória é mesmo zero. Somos todos corruptos, espertos, queremos tirar vantagem em tudo, compram os discos piratas, softwares piratas, bebidas piratas, estamos na época das caravelas trazendo pedra e levando

do ouro. Agora, no entanto, nunca dei tantas entrevistas para documentários, é um número impressionante!! Bom sinal.

IDÉIAS - Como você vê a resistência cultural na música brasileira de hoje? Isto é um termo obsoleto como a mídia quer fazer passar?

MOACYR LUZ - Somos ícones de mitologia, somos a Fênix da cultura, todos os dias começando do zero. No meu caso nunca me preocupo com o que fiz, mas com o que ainda tenho para fazer...

IDÉIAS - Você tem parcerias geniais com Aldir Blanc e Paulo César Pinheiro entre outros. Pode nos falar um pouco destas parcerias e amizades com duas pessoas tão amadas por quem gosta de boa música?

MOACYR LUZ - Eu morei 22 anos no mesmo prédio que o Aldir. Somos vizinhos de sentimento. Antes de qualquer música nossa, passávamos tardes conversando sobre a vida, sobre a cidade e seus personagens. Entre as nossas músicas gravadas temos várias homenagens a Clementina de Jesus, com Rainha Negra; a Elizeth, com Enluarada. Fizemos Anjo da Velha Guarda para homenagear o Zeca Pagodinho, Flores em vida para Nelson Sargento, óbvio, e Cachaça, Árvore e Bandeira para o inesquecível Carlos Cachaça. Já o Paulinho Pinheiro eu o conheci quando eu tinha 15 anos, em 1973, na casa do Hélio Delmiro, meu grande incentivador.

IDÉIAS - Como você vê o atual governo Lula, tanto na política

“O Lula em 1998 queria conhecer os sambistas cariocas e alguém falou para o nosso presidente “Procura o Moacyr Luz”. Fiz um almoço para ele na minha casa que durou mais de cinco horas”

geral, quanto na área de cultura? Melhorou o investimento na cultura brasileira com o ministro Gilberto Gil?

MOACYR LUZ - Eu voto no PT desde 1982, acho. E conto uma história que muito me orgulha. O Lula em 1998 queria conhecer os sambistas cariocas e alguém falou para o nosso presidente “Procura o Moacyr Luz”. Fiz um almoço para ele na minha casa que durou mais de cinco horas. Existem relatos sobre esse encontro. Quanto ao Gil, outra coincidência: fiz alguns temas para novela, todos em parceria com o Aldir. Um foi tema de abertura, Mico Preto, gravado pelo nosso ministro.

IDÉIAS - Você é autor, em parceria, de músicas que cantam o Rio e protestam contra o atual estado de coisas nesta cidade maravilhosa. Você é um apaixonado pelo Rio? Nossa cidade tem jeito? Qual o caminho?

MOACYR LUZ - Eu sou louco pelo Rio de Janeiro, meu amigo. Olha a loucura: a gravadora que faço parte é de São Paulo às vezes diz que se eu continuar falando tanto do Rio de Janeiro vou ter meu trabalho muito restrito. Eu respondo que se o bicheiro da minha rua me reconhecer já estou bem ■

A guerra da água

Mário Augusto Jakobskind *

A água se converteu em um bem muito valorizado nos mercados mundiais. Do mesmo modo que o petróleo passou a ser o “ouro negro” do século XX, a água está destinada a se converter no “ouro azul” do século XXI. Não é à toa que em várias partes do mundo travam-se batalhas, muitas vezes sangrentas, para o controle do precioso líquido. O Oriente Médio que o diga, da mesma forma que a região da Tríplice Fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina), fortemente cobijada por lá se encontrar o Aquífero Guarani, uma das maiores áreas de água subterrânea do mundo.

Não é à toa também que hoje centenas de soldados estadunidenses encontram-se acantonados no Paraguai em área próxima da fronteira com o Brasil e a Argentina. Naquele local, segundo denúncias de entidades de defesa dos direitos humanos e do meio ambiente, os militares americanos estariam instalando uma base. No fundo, o objetivo não declarado oficialmente é mesmo a água.

Em um clima em que a progressiva escassez de água se associa a uma demanda cada vez maior deste recurso, o seu valor de mercado se duplicou ou mesmo triplicou. Em consequência, os especuladores do investimento procuraram adquirir os direitos às águas em zonas agrícolas, com o objetivo de vendê-los às cidades necessitadas. Surgiu assim uma nova classe de empresários, os “caçadores de água”, que exploram os recursos de água doce do planeta e os vendem a melhor valor.

Em meio a esta febre de “ouro azul”, surgiu uma nova indústria mundial de água, cujo valor alcançava, segundo estimativas do Banco Mundial, US\$ 1 bilhão anuais em 2001. Entre os principais magnatas deste pujante setor, se encontram as corporações com fins lu-



crativos que oferecem serviços de água ou vendem água engarrafada. Neste momento o setor de água engarrafada é um dos que mais rapidamente cresce no mundo.

As fábricas de refrescos em geral retiram água do mesmo sistema que o público tem acesso, seja municipal ou outro, e em muitos casos, por exemplo, a Coca-Cola, mediante um processo em que a água é tratada quimicamente, logo se acrescenta um “pacote” de minerais que origina a “água mineral”. Com isto aumentam o preço da água de cana umas mil e cem vezes e a vendem engarrafada. Em muitos países se resiste a este sistema, que se denominou como “a água para os ricos”. A novidade, é que para dar-lhe sabor à água extraída da cana que compete com o mercado das

águas de mananciais ou fontes naturais, acrescentam substâncias nocivas à saúde.

A Coca-Cola guarda total silêncio diante dos questionamentos jornalísticos sobre o tema. A empresa não responde a consultas telefônicas ou via e-mails demonstrando com isso uma total falta de relações públicas com a imprensa. A Coca-Cola, uma bebida obscura tão popular no mundo, pode ser encontrada nas grandes metrópoles e até mesmo na mais pobre das cidades. É considerada inofensiva e até nutritiva, o que é um grande equívoco. Os refrescos de cola são na verdade uma droga não declarada, seu consumo provoca problemas nutricionais e dentais ■

(*) Editor da Idéias em Revista

Plebiscito e referendo podem aprofundar a democracia no país

Josias de Souza *

O governo federal enviará ao Congresso documento sugerindo uma reforma política para regulamentar dispositivos constitucionais que prevêm a realização de consultas diretas à sociedade – plebiscitos e referendos. Propõe regras que facilitem a sua realização. A convocação deixaria de ser exclusiva do Congresso. De acordo com o documento, plebiscitos e referendos poderiam ser chamados também pela sociedade, por meio de projetos de iniciativa popular. Bastaria que fosse endossada por 1% dos eleitores do país, distribuídos por, pelo menos, cinco estados.

Esses projetos teriam tramitação prioritária nas duas Casas do Legislativo, nos termos de um projeto de lei apresentado ao Congresso em 2004. Em 31 de janeiro deste ano, o projeto foi arquivado pela Mesa da Câmara. A proposta tinha sido elaborada pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e recebeu o apoio do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), que assessorava o presidente da República.

Agora, o texto com as sugestões do Planalto resulta de uma compilação feita pelo Ministério das Relações Institucionais, dirigido por Tarso Genro. E incorpora contribuições do CDES, da OAB e do Ministério da Justiça. Vai ao Congresso como proposta formal do governo. Os congressistas podem acatar ou não as sugestões.

O plebiscito e o referendo são mecanismos de democracia direta. Permitem a convocação dos eleitores para se pronunciar sobre temas específicos. No caso do plebiscito, o povo é chamado a opinar antes da edição da norma, aprovando-a ou rejeitando-a. Já no referendo, é convocado depois da adoção de uma medida, cabendo à sociedade ratificá-la ou não.

Segundo Tarso Genro, todos os atos relativos a plebiscitos e referendos continuariam adotados pela via legislativa. Pelo seu raciocínio, as sugestões mantêm a representação política acima da chamada democracia direta. Esses instrumentos são identificados, na América Latina, com a forma de atuação política do venezuelano Hugo Chávez. A oposição ventila que o presidente Lula poderia propor plebiscito para permitir uma nova tentativa de reeleição, o que o governo nega.

O texto do governo inclui a proposta para que o Congresso aprove o “recall”. Vem a ser a possibilidade de que, por meio de referendo convocado por iniciativa da própria sociedade, os eleitores imponham aos congressistas o voto revogatório, interrompendo-lhes os mandatos pelo meio. A idéia é apoiada, de novo, pela OAB e pelo CDES.

“T plebiscito e o referendo são mecanismos de democracia direta. Permitem a convocação dos eleitores para se pronunciar sobre temas específicos”

O projeto que será levado ao Congresso contempla outras propostas polêmicas. É o caso de duas sugestões da OAB: a redução do mandato dos senadores de oito para quatro anos e a mudança da regra na definição de suplentes. Ou da proposta do CDES, de limitar a imunidade parlamentar, restringindo o direito a foro privilegiado a casos de delitos cometidos no exercício do mandato. Propõe-se, de resto: financiamento público ou misto (público e privado) de campanhas, proibição do troca-troca partidário durante toda a legislatura, fim das coligações proporcionais, e votação em lista fechada - modelo em que os eleitores votam em partidos, não em pessoas, elegendo os candidatos que estiverem nas primeiras colocações de uma lista elaborada previamente pelos partidos ■

(*) Do blog Nos Bastidores do Poder

UNE de volta pra casa

E o endereço na Praia do Flamengo 132 voltou a ser da União Nacional dos Estudantes (UNE), após quase 43 anos. Cerca de cinco mil pessoas marcharam no último dia 2 de fevereiro para tomar de volta o terreno na Praia do Flamengo que pertencia às entidades estudantis e que foi retirado violentamente pelos militares com o Golpe de 1964. Com muita irreverência, música e emoção, os manifestantes derrubaram o portão do estacionamento irregular, que até então funcionava no local, e reconquistaram o que a ditadura lhes tirou.



vem – Arthur Poerner também se somou à primeira fileira.

Artistas participantes da 5ª Bienal de Arte, Ciência e Cultura da UNE, evento do qual a manifestação fez parte, apresentaram uma esquete ao longo da caminhada lembrando os principais fatos que marcaram a história da entidade. Em frente ao Hotel Glória um grupo de manifestantes vestidos de preto deitou no asfalto com bandeiras da UNE, simbolizando o assassinato ocorrido no dia 28 de março de 1968, no então Restaurante Calabouço, do jovem secundarista Edson Luís.

Com um clima tenso e entusiasmados os estudantes, assim que chegaram ao estacionamento, forçaram o único portão de acesso até que o mesmo tombasse no chão. Dentro do estacionamento se encontrava apenas dois funcionários que não apresentaram resistência à manifestação. Em poucos minutos centenas de jovens ocupavam o terreno prometendo sair somente depois que a Justiça lhes desse definitivamente a posse do

mesmo. No Superior Tribunal de Justiça (STJ) corre uma ação de reinstalação dos autos que aguarda julgamento.

Segundo o atual presidente da UNE, Gustavo Petta, “esta não é uma ocupação momentânea; a sede política da UNE a partir de agora funciona aqui (no terreno) e todos os dias teremos conosco artistas e personalidades que apóiam a nossa campanha ‘UNE de volta pra casa’. A UNE entrou com uma liminar na Justiça no dia 1º de fevereiro para apressar a tomada de posse do local. Cerca de cem estudantes deverão ficar permanentemente acampados no terreno.

A atriz Vera Holtz ouviu pelo rádio a notícia da ocupação e foi ao ato manifestar sua solidariedade e apoio:

– Eu ensaiava no CPC da UNE com amigas no dia que a ditadura incendiou a nossa casa e não poderia faltar no dia que a tomamos de volta – declarou ■

Do Portal Vermelho
(www.vermelho.org.br)

A Culturata, que saiu dos Arcos da Lapa, no Centro do Rio, por volta das 16 horas, teve na sua linha de frente ex-presidentes da UNE como Aldo Arantes, Ricardo Capelli, Wadson Ribeiro e Felipe Maia. Entre os ex-presidentes da velha guarda estavam ainda José Frejat, Genival Barbosa e Irum Santana, que presenciou a fundação da UNE em 1937. O autor da chamada “bíblia do movimento estudantil” – O Poder Jo-

Ex-diretores do BNDES processados pelo Ministério Público por decisões tomadas em privatização



A 5ª Vara Federal Criminal do Rio de Janeiro recebeu a denúncia do Ministério Público Federal (MPF) no estado contra cinco ex-presidentes e 12 ex-diretores do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) durante o governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002). Entre os denunciados, estão os ex-presidentes do banco Luiz Carlos Mendonça de Barros, José Pio Borges de Castro Filho, Andrea Sandro Calabi, Francisco Gros e Eleazar de Carvalho Filho.

Com o recebimento da denúncia, os 17 ex-integrantes da diretoria do BNDES respondem a dois crimes previstos na Lei do Colarinho Branco (7.492/86): gestão temerária de instituição financeira (com pena de dois a oito anos de reclusão e multa) e crime contra o sistema financeiro (reclusão de um a quatro anos e multa).

A denúncia — assinada pelos procuradores Izabella Brant, Guilherme Guedes Raposo e Patrícia Nunes e apresentada em setembro de 2006 — foi motivada pela concessão de empréstimos no processo de privatização da Eletropaulo, ocorrido em 1998, e teve como base relatório do Tribunal de Con-

***“De acordo com o MPF, em abril de 1998, quando a diretoria do banco decidiu financiar até 50% do preço mínimo do leilão da Eletropaulo, equivalente a mais de R\$ 1 bilhão, não teriam sido aplicadas normas de segurança bancária.*”**

tas da União (TCU) e notas técnicas elaboradas por analistas do MPF. O procurador Fábio Magrinelli foi designado responsável pela ação a partir de agora.

De acordo com o MPF, em abril de 1998, quando a diretoria do banco decidiu financiar até 50% do preço mínimo do leilão da Eletropaulo, equivalente a mais de R\$ 1 bilhão, não teriam sido aplicadas normas de segurança bancária. O MPF diz ainda que os denunciados teriam tomado decisões irregulares e ilegais sobre operações financeiras. As decisões colocariam em risco o BNDES e provocariam prejuízos ao patrimônio público. As irregularidades

teriam ocorrido na concessão e execução de financiamento e na venda de ações da Eletropaulo à Lightgás, subsidiária da Light controlada pela AES, EDF, Houston Industries Energy, BNDESPAR e CSN.

O TCU apontou a inexistência de análise pelo BNDES de diversos aspectos necessários às concessões de financiamento, como a capacidade econômico-financeira da AES de receber o crédito e o controle do endividamento da Lightgás para proteger o valor das garantias e receitas para o pagamento dos empréstimos. De acordo com o TCU, a falta de previsão não seria “usual no BNDES”, instituição que possui vasta experiência no mercado de renda variável, conhecendo os riscos inerentes das garantias ofertadas.

Na denúncia, os procuradores mencionam também a existência de “condutas criminosas” nos atos de renegociação do contrato de financiamento da Lightgás, da alienação de ações da Eletropaulo pela BNDESPAR ao grupo AES e da aprovação do processo de reorganização societária entre o grupo AES e a EDF ■

(*) Texto da Última Instância - Revista Jurídica

Lula II: certezas e interrogações



Emir Sader (*)

Do segundo governo Lula depende o futuro da esquerda e do Brasil por um longo período. A vitória eleitoral de 2002 foi o resultado de um longo processo de lutas e de acumulação de forças de cerca de um quarto de século por parte do movimento popular. Primeiro, para terminar com a ditadura, em seguida para eleger pelo voto direto o presidente da República, depois pela resistência às políticas neoliberais. Lula foi eleito como resultado desse caminho.

Seu primeiro governo foi um misto de continuidade e de mudança e, como consequência direta, de decepções e de esperanças. No que manteve, esteve mal: priorizou a estabilidade monetária em quase todo o primeiro mandato, congelou recursos para as políticas sociais, manteve a taxa de juros reais mais alta do mundo, bloqueou a capacidade de crescimento e de distribuição de renda do país, ape-

sar do cenário internacional favorável.

Os melhores aspectos vieram do que Lula mudou: a política internacional, a educacional, a de cultura, a social. O Brasil privilegiou a integração regional em vez dos tratados de livre comércio, promoveu a formação do Grupo dos 20 – que permitiu a reaparição do Sul do mundo no cenário mundial –, assim como as alianças Sul-Sul, com a China, a Índia, a África do Sul. A política educacional breçou a privatária do governo anterior, fortaleceu o ensino público, tanto nas universidades quanto no ensino básico e médio. Pela primeira vez o Brasil pôde dispor de uma verdadeira política cultural de raízes nacionais e abrangência que chega a todo o país.

As crises mais recentes, como a da aviação comercial, apontam na mesma direção: representam o fracasso do Estado mínimo, herdado do governo FHC. Quando o Estado interveio mais vigorosamente – como nos exemplos da Petrobras, do BNDES e

da Caixa Econômica Federal –, o governo teve sucessos.

A direita foi derrotada em 2006. Sobre isso não há dúvida. O candidato que defendia o retorno às políticas de FHC, o neoliberalismo ortodoxo, as privatizações, a retração ainda maior do Estado, o livre comércio, a Alca e a repressão aos movimentos sociais foi rejeitado, apesar do apoio unânime da grande mídia. Mas ganhou a esquerda?

Mais além da discussão nominal sobre se se trata de um governo de esquerda ou não, a esquerda deu o tom da campanha do segundo turno. E foi o que levou à vitória insofismável de Lula. Algo disso tem que ter ficado em Lula, mas o retorno ao rame rame cotidiano do Planalto gera medo de que o governo perca o seu primeiro ano, período essencial para imprimir um selo definitivamente democrático e popular.

É preciso lutar contra os outros dois eixos do poder mundial antidemocrático atualmente vigente: o poder monopólico das armas e da palavra. Contra o poder da hegemonia imperial, se luta aprofundando e estendendo o Mercosul e os outros processos de integração.

Mas o poder monopólico local e mundial se sustenta sobre o poder da palavra. Lula ganhou do poder oligopólico da mídia. Demonstra que a opinião do povo, quando é chamado a dar sua palavra, se choca com o que cotidianamente se tenta inculcá-lo a partir da máquina antidemocrática de fabricar consensos ■

(*) Sociólogo e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Vamos Exorcizar el Diablo Bush!

Altamiro Borges *

Tony Snow, porta-voz da Casa Branca, confirmou recentemente que o presidente dos Estados Unidos, o torturador-terrorista George W. Bush, visitará o Brasil nos dias 8 e 9 de março. A visita faz parte da sua turnê pela América Latina, que inclui também o Uruguai, a Colômbia, a Guatemala e o México. Segundo o assessor, a peregrinação visa "estreitar laços comerciais e diplomáticos" com várias nações da região. Na verdade, a vinda revela os temores do governo Bush com o que o império rotula de "esquerdização da América Latina", decorrente das recentes vitórias eleitorais de forças democráticas e populares na região.

Os EUA atravessam um período delicado. No campo interno, a economia continua empacada e inspira cuidados. Já no campo externo, a situação da superpotência é ainda mais complicada. A cada dia que passa, os EUA se aprofundam nas guerras de agressão contra o Afeganistão e o Iraque. Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, estima que os EUA já gastaram US\$ 2,2 trilhões no Iraque.

“A visita oficial só tem um mérito: o de permitir que a povo brasileiro vá às ruas para protestar contra o terrorista George W. Bush”

Diante deste cenário adverso, o presidente George W. Bush passa a encarar o “quintal” latino-americano com maior preocupação. As últimas eleições por aqui parecem ter acendido o sinal de alerta. Segundo especulações da mídia, preocupado com estes resultados e com o avanço do processo de integração soberana da América Latina, o presidente George Bush tenta agora colocar uma cunha entre estas nações para frear o crescimento das esquerdas e inviabilizar a unidade regional.

Seu objetivo seria o de isolar as experiências como as da Venezuela, da Bolívia e do Equador, e barrar as negociações para a ampliação do Mercosul. Em visita ao Brasil no início de fevereiro, três auxiliares diretos do carrasco Bush – Nicholas Burns, Thomas Shannon e o torturador Alberto Gonzalez, secretário de

Justiça – espalharam intrigas neste sentido e concentraram seus ataques, nada diplomáticos, contra o presidente Hugo Chávez. Uma agenda mentirosa.

A visita oficial só tem um mérito: o de permitir que a povo brasileiro vá às ruas para protestar contra o terrorista George W. Bush. A Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS), que reúne as mais representativas entidades populares do país, orientou todos os estados a promoverem massivas e criativas manifestações de rua. A maior delas deverá ocorrer em São Paulo, aonde o genocida desembarca, somando-se às atividades do Dia Internacional das Mulheres.

Segundo relatos da mídia mundial, os mexicanos pretendem realizar “os mais transcendentos protestos” desta turnê; já a central sindical do Uruguai, PIT-CNT, anunciou que mobilizará milhares de pessoas em Montevideu; o Coletivo de Organizações Sociais da Guatemala e o Pólo Democrático da Colômbia também garantem que realizarão “calorosas recepções”. Não dá para perder esta excelente oportunidade de excomungar “el diablo Bush”, como lhe batizaram os venezuelanos. Este é um dever militante internacionalista de todos os que lutam por um mundo melhor.

A íntegra deste artigo pode ser lida no portal do SISEJUFE-RJ (www.sisejuferj.org.br) ■

(*) Jornalista e membro do Comitê Central do PCdoB, editor da revista Debate Sindical e autor do livro “Venezuela: originalidade e ousadia” (Editora Anita Garibaldi, 3ª edição).

Uma Revolução que é alternativa para o mundo (**)

A Revolução Cubana foi um dos marcos do século 20. Isto significa que se existe uma alternativa para o mundo, é o rechaço às políticas neo-conservadoras e a esse liberalismo econômico radical. Tal alternativa pode tornar-se o bem para a maioria dos cidadãos. Por isso, apesar das críticas de alguns, Cuba mantém esse interesse tão alto por parte de milhões de pessoas em todo o mundo, fora dos países desenvolvidos, isto é, no mundo subdesenvolvido, onde vive a maioria da população do planeta.

Cuba é uma das nações que desempenha um papel muito significativo no contexto mundial e, particularmente, no latino-americano e caribenho no setor dos esportes. Isso é evidente, quando se leva em conta



que, Cuba, com apenas um quinto da população da Grã-Bretanha, ganha o mesmo número de medalhas que nós. Por isso, temos muito que aprender

com esse país.

Ao chegar a Cuba, por onde quer que se vá, se percebe que todo mundo usa lâmpadas de baixo consumo de energia. Isso não só ajuda a reduzir as causas do aquecimento global. Para nós, é um exemplo e uma lição para todos de como se pode implementar uma mudança nos cidadãos e combater a mudança climática. Demonstra que tentando salvar o planeta, as pessoas podem, ao mesmo tempo, poupar dinheiro. O trabalho na área de poupança de energia desenvolvido por Cuba, é um exemplo para todos ■

(**) Trechos de uma entrevista concedida por Ken Livingstone, prefeito de Londres, à revista CubaSí por ocasião de uma visita a Havana

Fidel Castro está de pé! E completo (*)

O programa Mesa Redonda Informativa da Televisão Cubana transmitiu imagens do encontro entre os líderes revolucionários Hugo Chávez e Fidel Castro, ocorrido na tarde de 30 de janeiro. O povo cubano recebeu com enternecimento e alegria as imagens da reunião. No diálogo, em que ambos se abraçaram e conversaram de pé, Chávez brincou com Fidel, a quem elogiou a marcha da recuperação de sua saúde:

– Estou te calibrando os decibéis da voz. Eu acho que já fala mais alto que há 48 anos quando foste a Caracas - disse o estadista venezuelano. - Este abraço e este sentimento é de milhões, te queremos, te precisamos – confessou Chávez a Fidel, e acrescentou que muitos outros enviavam esta saudação por meio dele, entre eles o arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer.

A televisão mostrou imagens de Fidel lendo jornais, com denúncias da influência das mudanças do meio ambiente sobre a saúde humana. Fidel lembrou então a Chávez esteve entre os primeiros a con-



denar estes fenômenos e as nefastas consequências sobre a nossa espécie. O presidente venezuelano se mostrou feliz pela forma que se recupera Fidel, a quem encon-

trou com a lucidez e energia de sempre, no longo diálogo que mantiveram.

– Tem bom humor, boa face, bom ânimo, como sempre com muita clareza nas idéias e nas análises – declarou.

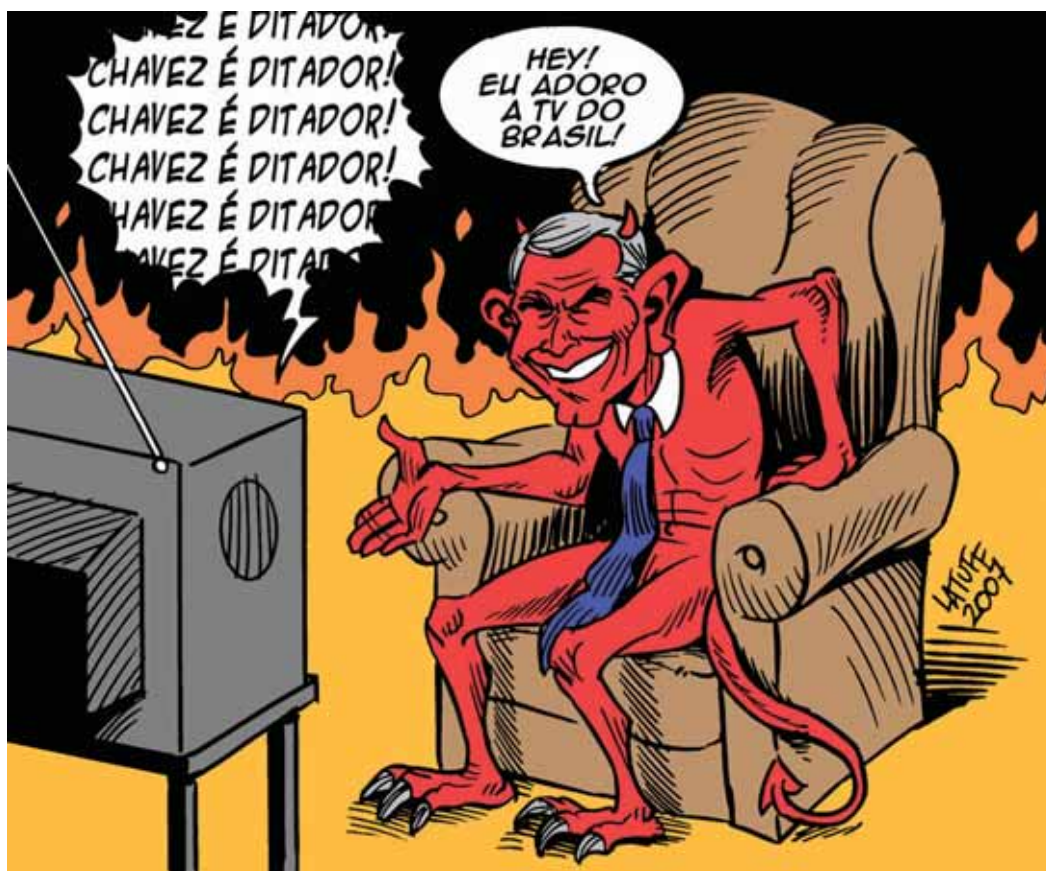
Chávez revelou que conversaram sobre a crise energética, revisaram dados sobre a marcha da Revolução Energética, o petróleo, as ameaças do império contra o mundo, e os potenciais novos conflitos dos que estão pendentes.

– Está como sempre, com uma grande generosidade, uma grande qualidade humana; aí está Fidel de pé e completo, espero que continue se recuperando – enfatizou.

As imagens transmitidas pela televisão cubana desmentem as especulações que diversos órgãos de imprensa internacionais fizeram sobre o agravamento do estado de saúde do presidente cubano ■

(*) Texto extraído do Granma

Um convidado nada trapalhão!



Creio que só o presidente Salvador Allende foi tão duramente criticado pela nossa imprensa. Sempre que falavam (mal) dele referiam-se ao caudilho ou ao presidente comunista. Suicidou-se para não dar a Pinochet – figura execrável que até hesito em comparar com Brutus – o gosto de fazê-lo. Parece-me que Chavez estudou bem a trajetória de Allende que, sem chegar ao autoritarismo, deveria ter assumido o papel de presidente forte num sentido preciso: distanciando-se dos partidos e impondo suas decisões nos momentos cruciais. Foram as hesitações das organizações políticas e sua lentidão para tomar decisões que precipitaram o desfecho e facilitaram a tarefa de seus inimigos, numa Unidade Popular dilacerada pela paridade catastrófica entre os que aceitavam a necessidade de negociar e os que propunham “avancar sem transigir”.

Por que a imprensa brasileira está tão irritada com Chavez? O povo lhe deu o direito de nacionalizar o que bem entender; o povo lhe deu o direito de realizar o velho sonho socialista de Allende e Brizola. O que mais disse que possa ter ofendido os nossos jornalistas? Desejou a recuperação de Fidel? Eu também. Quer a integração da América Latina? Eu também. Está tratando o povo com respeito como deveríamos fazer? Ora, quem não quer isso? Ou será que este velho cronista e Amorim, o ministro das Relações Exteriores, também devemos achar que o que é bom para os Estados Unidos é necessariamente bom para o a Venezuela, a Bolívia, o Equador e o Brasil?

A imprensa brasileira bateu forte em Chavez chamando-o de palhaço e paradoxalmente de autoritário que quer acabar com a liberdade jornalística na Venezuela. Por quê? Chavez foi eleito e reeleito democraticamente. Aliás. Foi um passeio. Se houvesse vencido por alguns poucos milhares de votos Bush gritaria foul play e os mariners não o deixariam tomar posse. Na grande democracia americana Bush foi eleito graças à fraude e foi reeleito em 2004 embora tenha feito o pior governo desde Johnson, porque confrontou os eleitores com o seguinte dilema: “Ou eu ou o terror”, uma falácia hoje facilmente reconhecível pois o terror é ele: foi ele que invadiu o Iraque e o Afeganistão sob falsas premissas; prepara-se para invadir o Irã enquanto comemora cinco anos de campo de

concentração de Guantánamo onde muitas crianças completaram maioria sob tortura. Vale a pena lembrar, ainda, que foram os americanos que planejaram, orquestraram e dirigiram a tentativa de golpe contra Chavez executada exatamente pelo dono da rede equivalente à Globo

local. Pode ser que venha a haver censura na Venezuela e me colocarei contra mas ainda não houve e alguns órgãos internacionais já estão gritando “Chavez é ameaça à liberdade de imprensa.” Parece-me que ele, como presidente, assim como Lula, tem todo o direito de não renovar a concessão a uma organização que tentou derrubá-lo do poder fisicamente.

Nossos jornalistas teriam de ser muito cínicos, hipócritas ou inexperientes se negassem o quanto a TV Globo fez pela ditadura e vice-versa.

SISEJUFE-RJ reedita convênio com Academia do Concurso Público



ACADEMIA DO CONCURSO PÚBLICO
SEMPRE APROVANDO OS PRIMEIROS COLOCADOS !

www.academiadoconcurso.com.br

Mais de 40.000 vagas autorizadas para 2007

NÍVEL MÉDIO
SALÁRIOS ACIMA DE

R\$ 2.500,00

NÍVEL SUPERIOR
SALÁRIOS ACIMA DE

R\$ 10.000,00

TURMAS INICIANDO

ORGÃO	NÍVEL	REMUNERAÇÃO
RECEITA FEDERAL	Superior	inicial R\$ 10.300
INSS	Superior	inicial R\$ 10.300
ICMS	Superior	inicial R\$ 9.000
BACEN	Superior	inicial R\$ 7.500
IBAMA	Superior	inicial R\$ 3.700
PF	Superior	inicial R\$ 5.300
DELEGADO PF	Superior	inicial R\$ 12.000
TRF	Médio	inicial R\$ 5.400
TJ	Médio	inicial R\$ 2.000
PRF	Médio	inicial R\$ 5.100
MPE	Médio	inicial R\$ 2.900

20%

De desconto para sindicalizados e dependentes do SISEJUFE-RJ

PALESTRA GRATUITA: Toda semana uma palestra que pode mudar a sua vida! Ligue e informe-se.

AV. RIO BRANCO, Nº 277, 2º ANDAR - CENTRO

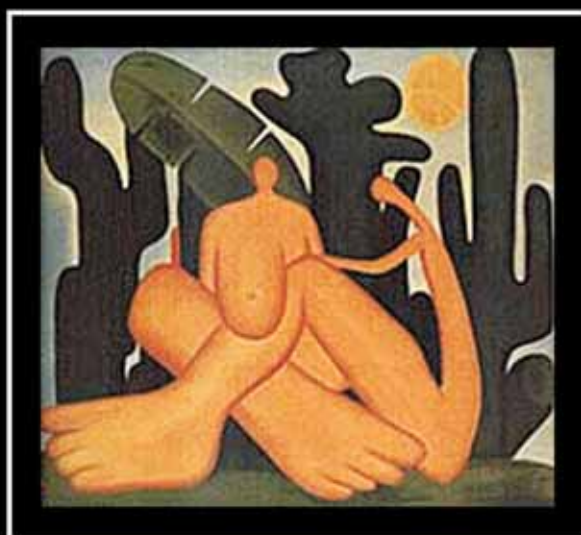
2108-0300

Para o seu maior conforto nosso teletendimento estará funcionando aos sábados, domingos e feriados

História da Arte Brasileira

NÃO perca! Curso de História da Arte Brasileira, que será ministrado pela professora **Juliana Rodrigues**, do Instituto de Artes da UERJ. O curso tem como objetivo fornecer ao participante um panorama da História da Arte do Brasil, desde a colonização até a produção moderna. Você estudará os antecedentes da formação e do desenvolvimento das manifestações artísticas no Brasil nos períodos colonial, imperial e republicano.

As aulas serão todas 5^{as} feiras das 19:00 às 22:00h, a partir de 8 de março, prolongando-se até 29 de novembro. Local: a sede do Sindicato, Avenida Presidente Vargas, 509/ 11 andar.



FILIADOS(AS) (gratuito) – NÃO FILIADOS(AS) (R\$70,00 mensais)